



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP

DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL

LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPETIVAS LITERATURAS

LUCIANA CARLA DA SILVA

**E POR FALAR EM ENSINO REMOTO: OS MEMES DE UMA ESCOLA
DESLOCADA**

PATU

2021

LUCIANA CARLA DA SILVA

E POR FALAR EM ENSINO REMOTO: OS MEMES DE UMA ESCOLA
DESLOCADA

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) como requisito obrigatório para obtenção da graduação em Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Cláudia Maria Felício Ferreira Tomé.

PATU

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586e SILVA, LUCIANA CARLA DA
E POR FALAR EM ENSINO REMOTO: OS MEMES
DE UMA ESCOLA DESLOCADA. / LUCIANA CARLA DA
SILVA. - PATU, 2021.

83p.

Orientador(a): Profa. Dra. CLÁUDIA MARIA FELICIO
FERREIRA TOMÉ.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Escola Deslocada. Ensino Remoto. Letramentos
Digitais. Memes.. I. TOMÉ, CLÁUDIA MARIA FELICIO
FERREIRA. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

AGRADECIMENTOS

Esta é para mim uma das partes mais especiais, das quais dedico as minhas conquistas aqueles que caminharam junto conosco durante esta jornada árdua. Primeiramente eu glorifico e enalteço o Nome de Jesus que tem poder no Céu e na Terra, Toda Honra, Toda Glória e toda adoração, sem Deus nada posso, mas com Deus sou mais que vencedora. Eternamente te amarei Jesus. Assim, especialmente e em primeiro lugar a minha gratidão a Deus por tudo, pelo dom da vida, por esta conquista e por todo o seu amor para comigo e por toda humanidade.

Também agradeço especialmente aos meus pais, Francisco (Tico) e Ceição, pessoas que agradeço a Deus pela felicidade de compartilhar meus dias, por tantos ensinamentos, felicidades partilhadas, algumas dificuldades, mas até aqui o Senhor Jesus nos ajudou.

Aos meus irmãos, Marcelo, Mateus, Lilia e Liliane, por tudo e por tanto, pela torcida, pelas orações e pela sorte de tê-los em minha vida. Ao meu namorado, amigo e companheiro de todas as horas Fernando Henrique, uma parceria forte e abençoada que só trouxe belíssimos frutos e muitos sorrisos.

Agradeço também a minha orientadora Cláudia, por ser por demais relevante durante este processo, nos encontramos no Campus de Patu – CAP/UERN a partir do quinto período, caminhamos juntas nas reflexões e estudos sobre Currículo e Ensino e assim construímos uma parceria de respeito e aprendizado, da qual tive a honra de tê-la contribuindo para esta produção, para o meu amadurecimento como discente, pesquisadora e também ser humano, a ti meu muito obrigada.

Agradeço aos componentes da banca, confesso que não poderia desejar ser mais agraciada, duas grandes autarquias juntas, professor Sanzio Mike, amigo de longa data, um docente extraordinário e um ser humano muito gentil. A professora Sueli Téroteo que nos acompanhou durante quase todo o percurso do Curso de Letras, foi nossa coordenadora do Departamento de Letras por quase todo o ciclo de nossa formação docente, além disso muito dedicada, grande pesquisadora, etc. etc.

A todos os meus professores, e a todos os demais, substitutos, efetivos, outros profissionais do Campus, os meus sinceros agradecimentos.

Neste momento relembro e agradeço a todos os meus amigos e colegas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, as experiências nos programas

formativos e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste sonho.

“Alguns confiam em carros e outros em cavalos, mas nós confiamos no nome do SENHOR, o nosso Deus.” (Salmos, 20:7 NVI).

RESUMO

A pandemia da COVID-19 tem trazido à cena no âmbito da educação a temática do ensino remoto que desmantela a ideia de escola como um lugar físico, fixo e real de ensino. Tal desmantelamento ecoa como problemática porque interroga sobre o que é escola como um lugar de presença que, no contexto pandêmico, passa a ser assombrado pela COVID-19, o que tem impulsionado professores e alunos a conhecer o que ainda não existe, a saber, práticas pedagógicas no formato remoto em plataformas digitais ainda não conhecidas ou sem condições de acesso por muitos professores e alunos. É nesse não existir que memes são produzidos e fazem emergir dizeres outros sobre escola, ensino e produção curricular. Os memes são concebidos por esta pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, de perspectiva pós-estrutural. Utiliza-se para isso, os postulados de Paraskeva (2018); Macedo (2006, 2011, 2013, 2014); Veiga-neto (2002); Temóteo (2021), Medeiros (2019), Tomé e Santos (2018,2020), Tomé (2018) e Foucault (2018), dentre outros. O objetivo da pesquisa é analisar a produção de sentidos sobre o ensinar e o aprender em um contexto de enfrentamento do desconhecido, e sobre o ano letivo como um dispositivo biopolítico de regulação da vida, dos espaços e de comportamentos. O corpus da nossa pesquisa é composto por cinco memes relacionados ao ensino no contexto pandêmico, os quais foram escolhidos através de uma chave temática com os descritores memes do ensino remoto e memes aulas remotas no *site* do Google, isto possibilitou ter um maior acesso às produções em diversos *sites*, redes sociais, etc. Os resultados mostram que os memes falam do que amedronta os professores, do que os impõe a assumirem como não saber, como necessidade, a exemplo dos novos letramentos e das novas relações que surgem da imprevisibilidade.

Palavras-chave: Escola Deslocada. Ensino Remoto. Letramentos Digitais. Memes.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has brought to the scene, in the context of education, the theme of remote teaching, which dismantles the idea of school as a physical, fixed and real place for teaching. Such dismantling echoes as an issue because it questions what is school as a place of presence that, in the pandemic context, becomes haunted by COVID-19, which has driven teachers and students to know what does not exist yet, namely, pedagogical practices in remote format on digital platforms that are still unknown or without access conditions for many teachers and students. It is in this non-existence that memes are produced and bring out other sayings about school, teaching and curriculum production. The memes are conceived by this qualitative, bibliographical and documentary research, from a post-structural perspective. For this, it is used the postulates of Paraskeva (2018); Macedo (2006, 2011, 2013, 2014); Veiganelo (2002); Temóteo (2021), Medeiros (2019), Tomé and Santos (2018, 2020), Tomé (2018) and Foucault (2018), among others. The objective of the research is to analyze the production of meanings about teaching and learning in a context of facing the unknown, and about the school year as a biopolitical device for regulating life, spaces and behaviors. The corpus of our research is composed of five memes related to teaching in the pandemic context, which were chosen through a thematic key with the descriptors "remote teaching memes" and "remote classes memes" in the Google Search engine, which made it possible to have greater access to productions on various websites, social networks etc. The results show that the memes speak of what frightens teachers, of what forces them to assume as a not-knowing, as a necessity, such as new literacies and new relationships that arise from unpredictability.

Keywords: Displaced School. Remote Teaching. Digital Literatures. Memes.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
TCI	Teoria Curricular Itinerante
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2	CULTURA DIGITAL E O VIRTUAL.....	16
2.1	Tecnologias e Multimodalidade na era digital.....	25
2.2	Contexto pandêmico e Ensino Remoto: letramentos e significações	30
2.3	Biopolítica e ensino remoto	34
2.4	Tecnologias e ensino.....	38
3	CURRÍCULO E ENSINO	42
3.1	Teoria Curricular Itinerante e deslocamentos do ensino remoto	45
3.2	Memes e o contexto pandêmico	52
3.3	Intertextualidade	56
4	E POR FALAR EM ENSINO REMOTO: MEMES DE UMA ESCOLA DESLOCADA.....	61
4.1	Processos metodológicos da pesquisa	60
4.2	Os memes como produtores de sentido sobre o ensino em contexto remoto.....	64
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A temática do ensino remoto, em caráter emergencial, inicialmente se desenvolveu em todas as escolas no início de 2020, posteriormente tem sido desenvolvida na maior parte das escolas públicas das quais tem permanecido esta modalidade de ensino, como forma de evitar que haja um aumento do número de casos do COVID-19, propôs-se o isolamento social, e como uma das alternativas, ou readequação ao que o contexto permite, o ensino remoto foi uma alternativa para que continuasse o desenvolvimento de ações e atividades no âmbito educacional, agora com um novo formato, assim como com inúmeros desafios.

Além disso, o ensino remoto proporcionou outras reflexões como estas em que as escolas foram um dos que devido à pandemia do Corona vírus que desmantela a ideia de escola como um lugar físico, fixo e real de ensino. Tal desmantelamento ecoa como problemática porque interroga sobre o que é escola como um lugar de presença que, no contexto pandêmico, passa a ser assombrado pela COVID-19, o que tem impulsionado professores e alunos a conhecer o que ainda não existe, a saber, práticas pedagógicas no formato remoto em plataformas digitais ainda não conhecidas ou sem condições de acesso por muitos professores e alunos.

Considerando uma perspectiva pós-estruturalista, buscamos nesta pesquisa, estudar os memes que se remetem ao ensino remoto e de como esses falam de práticas de significações a partir desse formato de ensino, assim como do movimento da diferença em que a docência tem sido confrontada com inúmeras situações que exige um reinventar-se, dentre elas as aulas mediadas pelas plataformas digitais.

No ensino presencial, com as preocupações de produzir conhecimentos, que são aceitos aqueles do cânone, seguem na prática do apagamento da diferença. As relações não se dão mais de forma presencial, pois elas foram modificadas, visto que não deixaram de existir, só se encontram em novos formatos, os quais questionam habilidades e competências que não estejam relacionadas apenas a conteúdos, posto que são as próprias experiências e desafios vividos no contexto atual, como medos, dificuldade, novas estratégias de ensino, uso de novas tecnologias, etc., que imprimem outros modos de se fazer currículo e se fazer docência.

A perspectiva pós-estrutural possibilita enxergar a escola deslocada, desterritorializada, itinerante, na acepção de Paraskeva (2018), visto que para o pós-

estruturalismo não há um centro, uma fixidez nem um fundamento. Esta lógica justifica comungarmos com Macedo (2006) de que o currículo é espaço-tempo de fronteira cultural e, portanto, produção de sentidos.

Apesar da escola, enquanto espaço físico, receber ao longo do tempo, a simbologia de espaço de conhecimento, com as mudanças advindas com a pandemia do Corona Vírus e com a modalidade de ensino remoto que a maior parte das escolas/universidades optaram; a reflexão sobre o deslocamento da educação se torna urgente, o entre-lugar onde este conhecimento reverbera e se faz notar. Até porque os estudos sobre o currículo já vêm desconstruindo esta ideia de colocar a escola como centro do conhecimento, ou o ensino como sinônimo de educação, pois a formação curricular pode ser pensada também como, desviada da norma. Deslocamentos que perturba o planejado do que é indescritível e indizível daquilo que é vivenciado.

Busca-se com isso, estudar os memes sobre ensino remoto e de como esses falam de práticas de significações a partir do ensino remoto, assim como do movimento da diferença em que a docência tem sido confrontada com inúmeras situações que exige um reinventar-se. No ensino presencial, com as preocupações de produzir conhecimentos, que são aceitos aqueles do cânone, seguem na prática do apagamento da diferença.

As relações não se dão mais de forma presencial, pois elas foram modificadas, visto que não deixaram de existir, só se encontram em novos formatos, os quais questionam habilidades e competências que não estejam relacionadas apenas a conteúdos, posto que são as próprias experiências e desafios vividos no contexto atual, como medos, dificuldade, novas estratégias de ensino, uso de novas tecnologias, etc., que imprimem outros modos de se fazer currículo e se fazer docência.

Diante disso, a nossa pesquisa de teor qualitativa tem os objetivos que são, objetivo geral analisar os memes como produção de sentidos sobre o ensinar e o aprender em um contexto de enfrentamento do desconhecido, bem como os objetivos específicos que são: compreender as características textuais que compõem o gênero meme, interpretar os sentidos dos memes do ensino remoto e investigar o ensino remoto e os memes como um gênero produz significações quanto à produção curricular.

A pertinência da pesquisa justifica-se, pois mediante as desconstruções que a pandemia ocasionou no ensino presencial, dos quais desmantela os discursos de poder que tentam legitimar, em caráter hegemônico, a sala de aula física como lugar de conhecimento, educação; isto desapropria ou subestima as demais formas e lugares de produção e disseminação de conhecimentos. Trata-se de concepções advindas de alicerces que entendem o currículo em cadeias, e estas levam a pensamentos universais, que invisibilizam a diferença, colocando a nível de negação, a dinâmica de espaços-tempos de enunciação.

Os memes do ensino remoto, assim como o ensino remoto, itinerante, traz à cena os escapes, e desvios das normas, ao viver o não planejado, o não arquitetado, quebrando elos com uma matriz curricular engessada. Daí porque esta pesquisa valoriza produções de sentidos nos memes do ensino remoto, até porque as circunstâncias vivenciadas pelo contexto pandêmico e o alto índice de infeccionalidade, tem alterado, mudado, ressignificado a vida estudantil, a docência, a vida profissional e comunitária, etc.

Esse movimento, não se prende as paredes de sala de aula, mas, constroem-se nas manifestações culturais, nas convivências e nas construções no cibernético, nos compartilhamentos em massa do contexto e situações cotidianas que dão voz a milhares de pessoas, etc., pois corroboram para um currículo que é instituinte de sentidos.

Para Lopes; Macedo (2011) “o currículo é, como muitos outros, uma prática de atribuir significados, um discurso que constrói sentidos” (LOPES; MACEDO, 2011, p.203). O ensino remoto deslocou esta escola, em que se antes já discutíamos os outros lugares além da sala de aula, como corredores, projetos de extensão, etc., como instituintes de sentido e corroborares para construção dos sujeitos; com o ensino remoto, estas discussões tornaram-se ainda mais pertinentes, em que os Professores, alunos, assim como toda comunidade acadêmica, diversos espaços, em que ocorrem aulas síncronas e assíncronas, diversificam-se.

Não existe mais uma sala de aula física com todos os alunos juntos, mas, cada um sob suas condições, em seus múltiplos espaços, unem-se, através dos meios digitais, plataformas, para terem acesso ao ensino, para se construírem enquanto sujeitos. Paulo Freire (1981) enfatiza que a educação se constitui na troca de vivências, convivências em que um educa o outro nos mais diversos espaços

geográficos ou sociais. Não há um só que ensina nem um só que aprende, mas é a relação que os constitui e os formam.

Sobre a esta escola deslocada, Paraskeva (2018) nos traz, sobre uma teoria curricular desterritorializada, o que “implica simultaneamente um compromisso de luta por uma plataforma de investigação diferente, que empurra a investigação para um caminho particular, um “nível de instabilidade, e não a estabilidade, gerando conceitos também, em si, instáveis”, em outras palavras, o ensino remoto em caráter emergencial, assim como as representações trazidas nos memes sobre este contexto e o que tem afetado o sistema educacional, vivem esta instabilidade, ao adentrarmos no novo, nas novas formas de dizeres, de nos construirmos como docentes, como discentes, enquanto produção de conhecimento, de sentidos e significações.

Portanto, os sentidos se dão na experiência e pela experiência ou a partir e na própria experiência. Por tudo isso, para entendermos a linguagem, Derrida (1991) diz que a mesma não precipita dizeres, e neste não precipita é que, este sentido é constituído no acontecimento, no dito, naquilo que escrevo e também no intertextual que está no texto fazendo ponte com aquilo que escrevo para construir os sentidos. Além disso podemos elencar que se na formação já vivemos aquilo que é impossível de ser controlado, quando nos referimos a espaços e dizeres que nos compõem como docentes, alunos, etc., assim constitui-se o ensino remoto, os múltiplos espaços, cenários, metodologias, dentre outros.

Diante das inúmeras mudanças no quadro educacional, é produtivo pensar sobre as formas de ensino, principalmente em que os meios possíveis são os remotos, ainda que não dispense o monitoramento, é possível uma dose de recusa ao epistemicídio. A escola deslocada, faz referência a Teoria Curricular Itinerante (TCI) que segundo Paraskeva (2018) a TCI, através dos memes, tem a produção dos sentidos na “espontaneidade”, nos saberes do cotidiano da vida, nas representações do ensino remoto, advindo das trocas que o academicismo ocidental não comportaria, da cultura que não são discutidas no cânone, nem aceitas pelo conhecimento científico, mas que são valiosas para construir sujeitos na contemporaneidade.

Seguindo os constructos de Butler (2018) não são necessariamente pessoas de um mesmo perfil, mas sim inúmeros seres humanos com identidades diversas, raças, contextos que se unem no mesmo propósito, reivindicar o direito de aparecer, reivindicar o direito à vida, a educação, mesmo que inconscientemente os seus corpos

ali presentes se manifestam diante o espaço que antes chamado de acadêmico agora se torna campo de resistência e saberes.

No entanto, apesar disso, também escancara as desigualdades sociais ao não comportar no ensino todos os estudantes, ou pelo menos, que fosse facultada as mesmas possibilidades a todos de escolher está ou não no ensino remoto, nas aulas, posto que muitos são “excluídos” quando o meio em que vivem, bem como as políticas públicas não permite que a “diferença” possa emergir, um emergir que os coloque no campo da visibilidade e dentro do campo de direito a vida, saúde, educação, cidadania e dos currículos.

Por fim, esta pesquisa se divide em três capítulos, dentre os quais: o capítulo I, intitulado Cultura Digital e o Virtual, apresenta um panorama geral dos ambientes digitais, da cultura que permeia estes espaços, deste processo do virtual, das linguagens produzidas, novos textos multimodais, das tecnologias, de um ciberespaço que não tem lugar fixo, mas que se constitui como um campo amplo e fértil de muitos conhecimentos, e que já faz parte das práticas sociais do contemporâneo. Assim como da biopolítica que norteia as políticas da vida, e que se tornaram questões centrais frente aos desafios enfrentados em todo o mundo pela COVID-19, que afetou e modificou relações, pensamentos, normas, etc.

O Capítulo II, por sua vez, intitulado Currículo e Ensino, busca trazer algumas discussões sobre as teorias curriculares, com ênfase no currículo como prática de significação e na itinerância do currículo que desterritorializa, e possibilita integrar uma gama de outros saberes que eram inviabilizados e invisibilizados no campo educacional. Nossas discussões nos trouxeram reflexões referente ao contexto atual de ensino remoto, que desloca do presencial para o virtual.

No Capítulo III intitulado “E por falar em Ensino Remoto: memes de uma escola deslocada” apresentou as nossas análises referentes ao nossos corpus composto por cinco memes, os sentidos produzidos, as vivências de uma escola desterritorializada, sem um local fixo posto que se permeia no ciberespaço, por meio de links, mas que abre portas para uma pluralidade de novas aprendizagens, letramentos de linguagens, textos, da língua.

Com a pandemia do COVID-19, podemos dizer que houve borramentos na estrutura do ensino, daquilo que era arquitetado, com escolas deslocadas, o uso de plataformas substituindo a sala de aula física, que agora passa a ser ocupada pela “sala virtual”, as carteiras da sala de aula, são trocadas pelos múltiplos espaços que

cada aluno disponibiliza para assistirem suas aulas, desde suas salas, quartos, cozinhas, etc. Outra vez, a questão social fica mais evidenciada, e as escolas públicas apesar de tentativas, estratégias de dar acesso aqueles mais necessitados que não tem acesso a rede da internet, falha, pois nem todos acessam, nem todos tem o mesmo acesso, diante ao caos causado pelo Novo Corona Vírus.

2 CULTURA DIGITAL E O VIRTUAL

Torna-se crucial remetemos algumas reflexões sobre o virtual, este virtual que cada dia mais faz parte do nosso cotidiano, dos planejamentos pessoais, traz facilidades como pagar uma conta de luz, energia, está em lugares distantes sem a necessidade de locomoção e do tempo gasto no trajeto, etc., Todas estas trocas, experiências e necessidades que podem ser atendidas nesses ambientes produzem novas linguagens, textos, reestrutura as formas de interação, relações afetivas, de negócios, dentre outros, bem como influencia na construção desses sujeitos, seus letramentos, suas práticas sociais, afinal, somos sujeitos em constante produção, evolução, aprendizagens.

Nesse sentido, Lévy (1999) aponta que nesse espaço de virtualização em que as novas formas de se relacionar são possíveis, acontece um “êxodo”, ao ser o homem integrado a novos espaços de produção de sentidos pelos meios digitais, pelas redes que interconectam, histórias, vidas, pontos de interesse, etc., pois ao sair do geograficamente identificado, localizado, estático, permite-se desterritorializar, nomadismo ao não ter mais como obrigatoriedade de interação um ponto de referência fixo entre eles, ao desfazer-se da bússola de orientação de espaços localizados e fixos em territórios, permite-se adentrar em novos campos que não são materializados fisicamente, mas que agem e possibilitam relações ao unir através das redes da internet pessoas por motivos, razões, questões afins, “sistemas de comunicação.” Em suma, a ideia consiste que “Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não presentes”, se desterritorializam.” (Lévy, 1999, p. 9). Consoante a isso, Lévy apresenta que essa desterritorialização não se distanciam ou se desprendem da totalidade desse espaço que os referencia, embora é claro como já apresentado pelo autor, não se constituam ou as suas diferenças sejam justamente a não referência ao localizado, fixo, o que enfatiza, neste sentido, é que para se está no virtual, solicita-se uso de aparelhos, aparatos digitais, instrumentos, bem como da conexão as redes da internet, de forma síncrona ou assíncrona, em algum momento o seu acesso foi possível por estes meios.

Um das mudanças advindas nos últimos tempos, refere-se aos espaços e ambientes digitais que tem ganhado cada vez mais espaços nas relações sociais e nas atividades de comunicação das pessoas em todas as faixas etárias. Todavia, o

público jovem e adolescente tem sido aquele que mais dedica horas do dia conectado nos ambientes digitais, web sites, redes sociais, jogos eletrônicos, assim como uma grande acessibilidade e compartilhamento de gêneros que circulam e surgem neste espaço, constituem as experiências e faz parte do referido público.

Vale considerar que a cultura e os espaços de produção de saber que os constituem como sujeitos, que formam as suas identidades, permeiam também aquilo que é virtualizado. Para tanto, as práticas digitais cada vez mais frequentes na nossa sociedade, têm sido de um novo ambiente que se denomina cibercultura. Consoante a isto, para uma melhor compreensão dos seus conceitos, Lemos (2003, p. 11) discute a cibercultura como “a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais”. Em outras palavras, podemos perceber que há essa relação entre sociedade e os novos meios que lhes são ofertados, e esta relação advinda das experiências e uso das tecnologias digitais gera uma nova forma de inter-relação social, sociocultural, que nada mais é que ligar/ ou as interações que são construídas neste encontro entre sociedade, cultura e tecnologias, de forma interdependente.

Para uma breve discussão destes espaços digitais e os aparatos que utilizamos para ter o seu acesso, que adentram no formato de ensino remoto, o nosso ambiente, a nova sala de aula deslocada, retomamos a um breve histórico sobre o período de 1945 que se trata da época que surgem os primeiros computadores na Europa, especificamente na Inglaterra, e na América do Norte, com a sua criação nos Estados Unidos da América-EUA.

O contexto que surgem, mostra que os primeiros maquinários foram destinados ao uso militar, diferentemente dos computadores que hoje utilizamos. Os primeiros computadores que surgiram tinham a aparência de calculadoras programáveis. Contudo é nos anos de 1960 que começa a ter um alargamento do seu uso, quando passam a ser utilizado também pelos civis, todavia, a informática naquele momento ainda era vista como aquela que tinha a incumbência de servir para cálculos, estatísticas e gerenciamentos monetários. Sendo assim, resumida a estas funções (LÉVY, 1999), havia uma restrição de suas utilidades, posto que, dispor dela, utilizá-la, limitava-se a contribuir com os pontos supracitados, a servir a estas funcionalidades.

Ainda neste sentido, na parte histórica do seu percurso, segundo Lévy (1999) um dos momentos que marca uma guinada no uso dos computadores é na década de 70, no qual temos como invenção e aperfeiçoamento o desenvolvimento do

microprocessador. Soma-se a isso, além do invento e dos avanços na tecnologia que iam se processando, a relação com o crescente comércio que estava em ascensão, as próprias relações que se firmavam nestas novas relações em sociedade. Tudo isso contribuiu e influenciou para as mudanças dessa época o que provocou uma disseminação e venda em todo o mundo dos aparelhos e gerou uma automação na indústria e nos processos que dela são firmados. Neste momento, passa-se a vivenciar uma nova fase que produz e comercializa, dissemina e divulga os aparelhos eletrônicos, conta-se com a presença de computadores e de redes de comunicação de dados no seio social e nas práticas de interação e construção sociocultural.

Consoante a isso, Lévy (1999), destaca que o uso dos computadores e o processo de digitalização impactou as indústrias e os processos comerciais, pois foi graças ao desenvolvimento e criação do computador pessoal que os aparelhos, assim como as suas funções, ganharam ainda mais força em sociedade, sobretudo, quando passa a fazer parte do cotidiano de uma grande parcela da população., Isto porque ao situar-se nas suas práticas sociais possibilita e alarga o seu campo de acesso, trocas, desenvolvimento de atividades, que envolvem uma infinidade de possibilidades nos espaços da internet, cujo crescimento, tem produzido novos gêneros, linguagens. Está nas redes nos dias atuais é ter um mundo de opções, e além delas de criação e recriação frente a novas demandas que são resultantes desse processo desde aquelas que se desenvolvem no coletivo até os pessoais, quer sejam lucrativas ou de entretenimento, dentre outros. Assim, práticas como produção de textos, uso de imagens, edições, uso de aplicativos diversos, jogos eletrônicos, plataformas digitais, bate papos, etc. são constituintes deste espaço virtual e possíveis de serem acessadas ao uso de aparatos digitais, que naquele momento era o uso físico de um computador pessoal. Neste sentido, Lévy(1999) afirma que:

“Sem que nenhuma instância dirigisse esse processo, as diferentes redes de computadores que se formaram desde o final dos anos 70 se juntaram umas às outras enquanto o número de pessoas e de computadores conectados à interrede começou a crescer de forma exponencial. Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento tecnoeconômico. As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. (LÉVY, 1999, p. 30).”

A esse respeito, são múltiplas as possibilidades nesses espaços, pois as tecnologias digitais se constituem como porta de entrada para o adentramento nesses múltiplos espaços de relações, nesse campo heterogêneo e ubíquo de produção cultural, social, de novas relações que são os ciberespaços. Já não se cabe pensar em desenvolver qualquer atividade e não a encontrar, ou ter relação com as redes, a internet, o virtual. Como o autor mostra é um mundo que contempla trocas e relações de comunicação que tem sido cada vez mais usado pela população para produzir formas de socialização, aproximar pessoas em rede, interliga-las, bem como para o desenvolvimento do comércio, de transações que cada vez mais se usa para vender produtos, propaga-los, comercializa-los, etc. Há inclusive muitas empresas que só funcionam de forma virtual, e obviamente, diante essa autarquia de setores e opções, de construções e produções, há uma gama de informações e conhecimentos que são imprescindíveis e, de algum modo, fazem parte da nossa vida, nossa formação identitária e de nós enquanto sujeitos sociais.

O virtual e os espaços que são construídos através de redes, comunidades virtuais, textos, grupos de convivência, relações comerciais, apresentações culturais, videoaulas, têm crescido cada vez mais e aumentado o leque de atividades e relações que se dão nestes ambientes, etc. Dentro desse escopo, Lévy (1999) apresenta que “a multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo [...]” (Lévy, 1999, p.10).

Nesse sentido, com o contexto pandêmico da década de 2020, o ensino remoto se fez realidade, abriu trouxe novos desafios, reestruturação, reinvenção no êxodo do fixo para o virtual. Trata-se de práticas pelas redes de comunicação, a ponto de colocar professores, alunos, comunidade acadêmica como nômades do novo estilo de aula, de avaliação, de se produzir aprendizagens, metodologias, dentre outros.

Além disso, Lévy nos mostra que, outros fatores desmantelam alguns escopos de espaço-tempo na virtualização dos quais “os limites não são mais dados, os lugares e tempos se misturam [...] são as próprias noções de público e privado que são questionados” (Lévy,1999, p.12).Em outras palavras, e dentro do contexto atual do ensino remoto, a ideia de escola, de prédio, edificação, relações presenciais, dependência física da escola como lugar estático, com localidade territorial determinada na geografia de espaços passa a ser colocada em tensão. Aquela ideia do ambiente e contato físico que por tempo deteve um poder simbólico ao apagar as formas de conhecimento que se dão em outros lugares e que são inseparáveis de

nossa identidade como sujeitos; passa a ser borrada pelo virtual, quebrando, pois, a ideia de localização geográfica. As carteiras da escola cedem lugar aos móveis dos domicílios dos estudantes dos alunos, professores. De uma ideia de espaço compartilhado, público, de todos os alunos, passa-se para a ideia do virtual, em rede, ligados pelos links de acesso.

Considerando que vivemos na era digital, computadorizada, de redes sem fio, aparelhos tecnológicos que aproximam ainda mais as pessoas do digital, a sociedade tem se tornado cada vez mais conectada por meio dessas redes, links, hiperlinks que todos os dias são compartilhados, reproduzidos, e que as práticas comunicativas moldam e se remodelam nestes espaços. Assim os textos, gêneros que circulam, que nascem no ciberespaço desempenham também um papel comunicativo, social, cultural a ponto de serem considerados como “dispositivos que virtualizam os sentidos” (Lévy, 1999, p.13). então, pode-se dizer que, estes dispositivos desempenham diversas e novas formas de perceber, entender a realidade, o meio em que vive.

Se antes já era de suma relevância compreender e integrar a cultura digital no desenvolvimento das atividades de sala de aula e do currículo – embora houvesse alguns que resistiam a isso agora, com a repentina pandemia do COVID-19, vivencia-se uma grande mudança na educação e em todos os setores da sociedade do país e do mundo. Temos o deslocamento da sala de aula física para os espaços virtuais, com o uso dos aparatos tecnológicos. Disto, surge os desafios de como se apropriar e apresentar um ensino de qualidade, com inclusão. É neste ensejo forçoso advindo da pandemia que o ensino remoto, as escolas, os professores buscaram novas aprendizagens, reflexões e inclusão a partir dos letramentos que foram sendo produzidos para alunos e docentes. Além disso, essas questões nos fazem refletir sobre o currículo no ensino remoto, bem como deixa indagações sobre ganhos e perdas nesse formato, sobre o que de fato essa experiência contribuiu ou implica nas culturas, Silva e Almeida (2016) nos dizem que:

“A cultura digital não é conceituada pelo determinismo das mídias ou tecnologias, mas emerge como causa e em decorrência de seu uso e de sua apropriação social no dia a dia e as novas demandas que emergem de seu uso. O contexto da cultura digital oportuniza expressão da voz dos professores e dos alunos e favorece o processo de apropriação social da tecnologia e seu uso inovador na educação e sua articulação ao currículo. (SILVA e ALMEIDA, 2016)”.

A internet tem ganhado um grande espaço, de tal forma, que já faz parte dos eventos comunicativos da sociedade, das relações e práticas sociais, e com isso novas relações se construíram sob o conceito de rede alargando as relações no espaço virtual com novas construções textuais, em diversos gêneros que passaram a circular no ambiente midiático. Assim, podemos destacar os novos laços que se fazem por interconexão que se caracterizam como fluidos. O tempo-espaço que nos proporciona essa guinada nas redes, nos possibilitam menos rigidez, pois o que os mantém nesta rede de relações, são agora os próprios pontos de interesse, temáticas e valores. Além disso, de fato, a internet tem sido considerada um fenômeno na sociedade, principalmente pelas novas formas de interação e produção de linguagem, comunicação, como por exemplo, as redes sociais.

Contudo, dentre tantos processos inovadores que se constroem neste ambiente virtual (CASTELLS, 1999; LEMOS; LÉVY, 2010) as relações de poder são postas em destaque, no que toca a condição de influenciar as maneiras de se conceber e se comportar na sociedade. Concomitante a isso há impactos no processo interacional, na constituição dos sujeitos e nas relações novas que se criam. Tudo isso, direciona a forma de se perceber a sociedade, isto é, traz à tona uma nova organização social, com novas práticas sociais e comunicativas que se firmam e compartilham sentidos e significados por meio de suas mensagens, textos ou diálogos.

Para Castells (1999), são constituídos vínculos mais fluidos, podendo modificar-se ou se desfazer, outra característica é a efemeridade ou podem se em conforme os propósitos e aceitabilidade aos interesses dos que os acessa, conecta, utiliza.

Vale ressaltar, o homem como ser social que se utiliza da linguagem para construir as suas relações em sociedade, a linguagem numa perspectiva socio-discursiva, que produz representações e sentidos, identidades, através de textos e suas semioses. Neste posicionamento sobre as identidades que os sujeitos assumem no discurso ou na teia comunicativa que se dá nas linguagens, Hall (2015, p.12) salienta que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos”. Corroboramos com a ideia apresentada pelo autor, dos “papéis” que o sujeito desempenha na sociedade e que contribuem para formar a sua identidade, aquilo que o integra, representa nas suas atividades em sociedade. Diz respeito a um ser social que se alicerça na interação, assim o que permite sua constituição são as situações,

meios, espaços nos quais está inserido. Tais situações, não sendo estanque, trata-se de um ser que se modifica, ressignifica-se nos ambientes, um sujeito múltiplo, capaz de se recriar nos espaços presenciais, físicos e também digitais, remotos.

Ademais, podemos compreender que a linguagem é um processo contínuo de negociação de dizeres, posicionamentos, sentidos, etc., Da mesma forma, diz respeito a um constructo social, que também é manipulável, tem poder de influenciar e se auto influenciar, pela linguagem, tomam posições, situam-se socio-historicamente em territórios ou demarca tempo-espaços.

Martino (2015) traz reflexões importantes e que se fundamentam nas redes que são construídas e que gera modificações e interferências principalmente sobre a forma como o homem entende a si mesmo, arquiteta e negocia as suas tomadas de decisões, os seus relacionamentos, a forma como atua e a maneira como se porta em sociedade, lida com seus conflitos, mudanças, etc., Para o autor, certamente que os impactos da rede digital também modificou, transformou sumariamente as concepções e entendimentos sobre arte, política, linguagem, dentre outros, pois tudo isto são produtos das relações construídas em redes que impactam sobre a vida social contemporânea do homem.

São muitos espaços de representação que são possíveis, dentre eles o digital, e neles, os textos que circulam nas redes sociais e em outros tipos de plataformas digitais. No mais, ao considerarmos as relações sociais e os papéis que desempenham, o autor enfatiza que são firmadas a partir de redes que os interconectam em todas as áreas da vida social, como espécie de ligação entre todos os setores que envolvem a sociedade e suas experiências, etc. Assim, põe em destaque a arte, a linguagem, a cultura, dentre outros, bem como e, principalmente, a forma como as pessoas se enxergam, como atuam e se portam em sociedade.

Neste sentido, no mundo globalizado que estamos, de muitas tecnologias, temos em tempo recorde uma infinidade de gêneros que circulam e são criados nestes ambientes. Temos também uma gama de redes sociais que mantém relações entre pessoas dos mais diversos lugares. Tudo isso engloba os diversos usos da língua, as trocas e interações que se constituem nos acessos às redes, novos letramentos que se efetivam nestes espaços, dentre outros. Diante disso, corroboramos que a internet já se constitui como parte integrante no cotidiano da sociedade, pelo menos da maior parte da humanidade, seja para acessar uma informação, pesquisa acadêmica ou para ouvir uma música no Youtube, publicar um post no Instagram, Facebook, enviar

um áudio no WhatsApp, ou até utiliza-las como uma estratégia de venda para receber os pedidos dos seus clientes, ou marcar um horário no médico via e-mail, acessar um catálogo de vendas no site promocional, etc.

Como podemos constatar, são inúmeras as formas de se está conectado a internet no nosso dia a dia e nas mais diversas práticas sociais que desempenhamos e nos acompanham. Rosa, Santos (2013) nos apresenta que nem sempre a internet estava assim tão democrática a ponto de ser tão presente no cotidiano das pessoas, das mais diversas profissões, níveis sociais, raças, etc., abro ressalvas, é claro, para aqueles que não tem acesso aos aparatos digitais e a própria rede da internet por motivos estruturais e financeiros. Não obstante, na atualidade a internet já passa a ser considerada como aquela fonte de acesso de massa. Todavia, no período entre 1990 a 1995, a internet situava-se como monopólio estatal e condizente aos seus interesses, mas temos como o marco desta quebra de exclusividade, o período de 1995 deixando, pois, de ser utilizada e acessada apenas pelo estatal ao possibilitar acesso popular. O processo de democratização da internet tem sido ainda mais visível nas décadas do século XXI.

Com relação a democratização da internet, do acesso às informações, produtos e mercadorias, do processo comunicativo, de produção de sentidos que afloram nas redes, os diálogos que fluem, etc. Santos (2013) enfatiza que ao torna-la mais popular, democrática, não é um processo que não deixe antecedentes ou permaneça intacto. Para o autor, são inúmeros os efeitos que se constroem e, as principais decorrências desse elo que reúne um grupo mundial de computadores e produz comunicação, são principalmente, da tecnologia na socialidade e na sociedade, etc. Em outras palavras, o acesso às redes não é um processo solitário, que se isola a ponto de não gerar interferências ou pontes. Contrariamente a isso, é uma rede, é social, colaborativo, e o seu crescimento, ou maior oferta e acessibilidade a internet está interligado as práticas sociais e todas as relações advindas dela e nela. Conforme Lévy (1999) nos diz que essas relações criadas são frutos da ciberculturas. Sobre cibercultura, Martino (2015) destaca que:

A cibercultura mantém relações com o que acontece nos ambientes off-line, mas, ao mesmo tempo, apresenta uma série de especificidades. Certamente as relações sociais, as ideias e as práticas que circulam nas redes de computadores existem também no mundo desconectado, mas a ligação via máquina imprime características específicas a essas práticas (MARTINO, 2015, p. 27).

Em linhas gerais, Lemos (2013) apresenta a pós modernidade como o elo que integra o ciberespaço e a cibercultura. Com relação a cibercultura o autor apresenta como uma cultura que se constitui na pós modernidade, então pensar nela é retomar também ao contexto da pós modernidade e os fatores que a integram. Outrossim, o ciberespaço é aquele que se configura como um dos espaços em que estas relações, trocas, comunicações, novos sentidos acontecem dentro do cenário que demanda essas novas relações desenvolvidas em ambiente que estrutura, cria, faz reajustes, reinventa-se, compartilha, circula os sentidos nele produzidos. Outro fator que o autor aborda é que, enquanto a modernidade se preocupava, focava e direcionava os seus atos para o espaço físico, estático, palpável, a pós modernidade é aquela que “(...)desmaterializa o espaço físico e torna o tempo instantâneo em um mosaico de múltiplas fragmentações de toda ordem” (LEMOS 2013, p. 128). Assim, a pós modernidade ela engloba uma multiplicidade de outras formas de ser e se fazer linguagem.

Nesta perspectiva, a cibercultura no ensino remoto ganhou mais destaque, de forma a abranger mais no desenvolvimento das atividades de ensino, proposição de conteúdo, aprendizagens etc., para tanto, Martino (2015) apresenta a cibercultura como “a reunião de relações sociais, das produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos que se articulam em redes interconectadas de computadores, isto é, no ciberespaço” (MARTINO, 2015, p. 27). Trata-se, portanto, das linguagens, gêneros que submergem neste ambiente, as relações que são constitutivas das práticas comunicativas da sociedade, das trocas nestes espaços, que por meio de um computador ou outros aparelhos que permitam estar conectados em rede, trocas de mensagens, informações, textos, experiências e representações. Diz respeito as ações que são desempenhadas e construídas nestes ambientes, e são estes ambientes que propiciam tais eventos comunicativos.

Vale destacar que, conforme Santaella (2013) a inclusão de massa, a ponto de conectar e permitir que mais pessoas tenham acesso as redes, deu-se com a criação das mídias móveis. Isto foi muito significativo pois borra a ideia do fixo, de estar em locais específicos como uma casa, estabelecimento, ou empreendimentos, instituições, que conduziam a ficar no local determinado que o aparelho computador estava localizado, já as redes sem fio permitem que pessoas em diversos espaços, que tenham acesso a rede da internet via sinal, possam se conectar no ônibus, no carro, ao fazer uma caminhada, na cozinha, etc., nos mais variados espaços, etc.,

Assim, houve com relação ao ciberespaço, uma grande ampliação a seu acesso, tornando-se mais inclusivo, posto que cria, conforme autora denomina de “hipermobilidade” nos seus sistemas de acesso. Mais que isso, quebra a dicotomia que se dava quando os únicos meios eram os aparelhos como computadores, que separavam o virtual do real, com as redes sem fio que popularizou os seus usos a ponto de estar, navegar no ciberespaço fazer parte do cotidiano. A exemplo disso, temos o uso de um Smartphone, através do qual, pode-se está a navegar no ciberespaço ao mesmo tempo que alguém na cozinha está cozinhando ou preparando uma comida, dentre tantos outros situações possíveis. As coisas vão acontecendo ao mesmo tempo, isto é, não necessita mais está sentado fixamente naquele espaço da casa, da instituição para se ter acesso. Enquanto movimenta-se e resolve outras atividades, integra-se a isso também o acesso ao virtual, ambos se interconectam nas práticas sociais.

2.1 Tecnologias e Multimodalidade na era digital

Com o advento das tecnologias, da globalização, eclode agora nos espaços virtuais o ensino remoto como uma das medidas que afetaram diretamente as escolas, seja com pontos positivos, negativos ou ambos, visto que impactou metodologias de um ensino que era programado e pensado para acontecer de forma presencial. No tocante a isto, pomos em destaque a Base Nacional Comum Curricular-BNCC que em seu caráter de orientar e contribuir com propostas a educação que contemplem habilidades e competências, no que toca ao digital na perspectiva de garantir o acesso ao conjunto de atividades/ aprendizagens como resposta aos anseios da atualidade, conforme figura abaixo:

Figura 1 – Competências da BNCC



Fonte: Site do INET 80 anos (2019).

De forma sucinta, ao analisarmos as dez competências supracitadas na figura, podemos compreender que foram pensadas com intuito de incluir e desenvolver nos sujeitos práticas sociais para o mundo moderno. No entanto, queremos pôr em destaque as competências 01, 04 e 05 que tratam da cultura digital, da apropriação e utilização destas linguagens, bem como sobre os conhecimentos sobre o mundo, em todos os âmbitos.

Um dos maiores desafios, que as escolas enfrentavam era utilizar-se das metodologias e ferramentas dos espaços midiáticos no desenvolvimento e ensino de língua materna, pois a pauta do ensino deve proporcionar aos alunos a conexão dos conhecimentos/aprendizagens em sala de aula com o mundo, com o contexto que estão inseridos, Claro que isto não significa que o aluno ficará restrito apenas o espaço que reside.

É certo que, no contemporâneo, temos uma população que se utiliza e se conecta ao ambiente digital, isto fica mais evidente quando o foco de nossas atenções

se volta para os jovens, que para muitos desde a sua fase da infância já tem contato com as tecnologias, internet e os gêneros, textos, vídeos que circulam, formam-se e são compartilhados, replicados, reconfigurados, etc. Assim, por estar o mundo da internet, da tecnologia tão presente na vida da população, e principalmente dos jovens, dos alunos que já nasceram, a maior parte, em meio a uma infinidade de opções de se fazer comunicar através das redes, de se entreter, de guardar informações pessoais, coletivas, entre outros, por isso, ganharam um termo e passa a ser chamados de “nativos digitais” (PESCADOR APUD PRENSKY,2001).

A respeito da nova geração deste século que também compõem os espaços escolares, sejam eles de forma presencial ou remotos, são os sujeitos sociais, estudantes, cidadãos, conquanto já não é cabível um ensino que seja descontextualizado do cotidiano, da realidade destes jovens, e de excluir do campo educacional a grande variabilidade de linguagens, sentidos, textos, aprendizagens que advém do avanço das tecnologias, e que não passam despercebidas em sociedade, pois enquanto seres sociais, causa transformações em todos os setores de nossa vida, convivência, relações, etc. Diante disso, o que para muitos é ainda um desafio atrelar essas novas tecnologias ao ensino, para os alunos torna-se uma forma contextualizada e atrativa de se refletir e aprender sobre a Língua, alcance das habilidades e competências, letramentos, para viver na sociedade e nas afinidades que tem com o mundo digital, sobre esta nova geração, Veen e Wrakkin (2009, p.12) aborda que:

Aprende a lidar com novas tecnologias, está ingressando em nosso sistema educacional, [...] cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância: o controle remoto da televisão, o mouse do computador, o minidisc e, mais recentemente, o telefone celular, iPod e o aparelho mp3. Esses recursos permitiram as crianças de hoje ter controle sobre o fluxo de informações, lidar com informações descontinuadas e com a sobrecarga de informações, mesclar comunidades virtuais e reais, comunicarem-se e colaborarem em rede, de acordo com as suas necessidades. (VEEN E WRACKIN, 2009, p.12).

Durante algum tempo, houve por parte de alguns professores, ou outros envolvidos que tenham relação com a sala de aula, receio ou resistência em integrar os recursos tecnológicos nas suas metodologias e estratégias de ensino. Questões como substituição e desvalorização de suas funções, do papel do professor na educação eram algumas de suas preocupações, na realidade o uso das tecnologias

nas aulas possibilita que “poderá ensinar com maior segurança e estará mais próximo da realidade extraclasse do aluno” (SOUZA; PATARO, 2009, p. 18), consoante a isso, vemos que potencializa e empodera a atuação, mediação e a apropriação e aprendizagem significativa destes alunos, pois ao relacionar com a realidade que vivem torna-se com mais sentido e efetivo.

Seguindo essa assertiva, corroboramos sobre a relevância de que o ensino de língua portuguesa tenha como um dos seus nortes manter esta conexão entre o aluno e o mundo. Para isso, torna-se crucial e indispensável introduzir dentro do seu planejamento e ações, atividades e discussões que interajam com as novas tecnologias, com a cultura digital e as linguagens que se produzem neste ambiente virtual e que se tornam promissoras dentro do contexto atual de globalização, de ser parte das práticas sociais, o uso dos meios digitais, da internet e das suas ferramentas, que está cada vez mais frequente entre a população.

O ensino que se insira dentro das prerrogativas do mundo contemporâneo, intercultural, que não recaia no ensino bancário, de decorebas ou de frases desconexas requer que os conteúdos e conceitos abordados façam parte do contexto que os alunos estão inseridos, que dialoguem, que tenham sentido no seu cotidiano, que não desconsidere os conhecimentos de mundo que já possuem, assim o que se anseia é oferecer um ensino que permita ao aluno o papel de protagonista da sua história e consequentemente do seu processo de aprendizagem.

É certo que umas das temáticas que mais tem se repercutido no centro das discussões na atualidade são referentes ao ensino de língua materna nas escolas, especificamente às reflexões sobre como tem se desenvolvido o ensino, refletindo se os conhecimentos produzidos, aprendidos vão ao encontro do cotidiano, das práticas sociais contextualizados.

Todavia, temos alguns especialistas que direcionam as suas pesquisas e preocupação com o desempenho da leitura e compreensão dos textos por parte dos alunos. Para tal assertiva, refletimos neste aspecto com base no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) que apresentam dados sobre a competência leitora, e os resultados desta pesquisa apontam para números abaixo do esperado, bem como foi possível detectar que há uma defasagem referente ao alcance desta competência.

Se por um lado, já tínhamos alunos que tinham dificuldade de ler, compreender e interpretar as leituras da linguagem verbal, as dificuldades se repetem ou aumentam quando os textos apresentam outros elementos, outras linguagens como imagens, links, dentre outros, assim como a necessidade de identificar essa relação que existe nestes textos modais que são por exemplo, entre imagem e escrita para compor o seu real sentido. Uma das dificuldades é compreender a existência deste processo de interação que se dá entre a imagem e os demais elementos do texto, pois quando analisados ou interpretados sozinhos, separados, sem desenvolver um diálogo entre eles, perde-se o entendimento do texto, o significado e o seu propósito comunicativo. O ensino com os textos, com a leitura e a sua compreensão, envolve sujeitos como professores e alunos, na disposição de um grande empenho na aprendizagem sobre textos multimodais, apresentar e discutir as suas relações entre os elementos que o compõem. Assim, espera-se construir uma leitura mais crítica que subsidie as práticas sociais, o desenvolvimento do leitor frente aos desafios e oportunidades do mundo moderno, que já faz parte de nosso cotidiano os textos modais, assim, tornem-se leitores críticos, para incluir-se de modo participativo e ativo nas linguagens que são produzidas no mundo que vivemos.

Paulo Freire (1989) diz que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. (FREIRE, 1989, p.4).

Dentre os muitos aspectos e mudanças que podem ser citados na internet e que modificam as práticas, relações em sociedade. Pode-se destacar as novas formas de linguagens que se constroem neste ambiente, que se diferenciam do convencional, por suas semioses, posto que a era cibernética que estamos, utilizamos outras formas, eventos comunicativos, um grande gama de gêneros que circula e possibilita a troca de informação, sondagem de novos conhecimentos, além de experienciar novas formas de conversação, que não se valem das palavras como a única forma de se fazer comunicar, mas que se utilizam de imagens, Giffs, vídeos, Emojis, Memes, etc. Estes têm sido popularizado entre as pessoas desse século para expressar e representar o que sentem, pensam, defendem, entre outros. Também são excelentes instrumentos para estudo e análise em sala de aula nas mais diversas temáticas, inclusive de maneira interdisciplinar. Assim essas novas configurações de se fazer entender, ganham mais significado e força ao valer-se desses novos gêneros, vídeos, bordões que são compartilhados e que substituem o uso exclusivo das palavras,

quando não a representam totalmente. Unem-se a elas para dar mais credibilidade e intensidade naquilo que quer dizer, mesclar palavras com imagens, símbolos. Isso é muito comum nos memes que é um gênero da cibercultura e que dentre os muitos sentidos que podem ser representados em sua composição, tem sido destaque pelo tom humorístico e de reflexão crítica que possibilita.

2.2 Contexto pandêmico e Ensino Remoto: letramentos e significações

No Brasil, desde o ano de 2020, em algumas instituições de ensino, foi decretado a necessidade de isolamento social, portanto, a suspensão das aulas foi uma das medidas tomadas na tentativa de reduzir a disseminação da COVID-19. Diante disso, as escolas que antes funcionavam de forma presencial, e toda sua estrutura composicional de planejamento e infraestrutura não estavam preparados, posto que a COVID-19 um alto grau de contágio. A partir disso, o ensino remoto, de forma síncrona e assíncrona, por meio de plataformas digitais, transforma os lares de professores e alunos como espaço de nova sala de aula.

Apesar de vivermos por um lado, o contraste de ser o Brasil um país de muitas riquezas concentrada na mão de poucos, social. Por outro lado, parte significativa de alunos de escola pública não tem nem sequer as condições mínimas de sobrevivência. De tal modo, possuir uma internet ou aparelhos tecnológicos torna-se algo difícil. Isto influenciou diretamente no ensino remoto, principalmente nas escolas públicas.

Apesar de todos os desafios, o ensino remoto também proporcionou um grande crescimento no uso dos gêneros textuais, principalmente os gêneros que tem circulação em web sites, nas redes sociais, pois têm sido um meio de instigar os jovens, alunos na busca do aprendizado e em discussões de diversas temáticas. Ademais, se antes o uso dos gêneros textuais já era muito utilizado, neste contexto atual tem sido cada vez mais frequentes nas escolas, assim como em outros espaços, sendo acessados pelos sujeitos em múltiplas situações do dia a dia, nas representações sociodiscursivas.

Se um dos objetivos almejados na educação é conquistar um maior público leitor, que faça leituras críticas e reflexivas relacionando ao contexto e que garantam a sua cidadania, com a cultura digital em ascensão estas pretensões aumentaram, principalmente neste contexto atual de ensino remoto que os meios digitais, assim

como os gêneros que circulam nestes espaços, tem sido uma das alternativas utilizadas nesta construção do ensino aprendizagem. Por isso, salientamos que o meme tem se destacado, pois tem conseguido alcançar um crescente número de leitores. Para uma melhor compreensão do espaço digital:

(...)emergia o (...)– Ensino Remoto ou Aula Remota – que é definido como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotado nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pelo Covid-19, que impossibilita a presença física de estudantes e professores nos espaços geográficos das instituições educacionais (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020 apud TEMOTEO, 2021, p.73).

O contexto do ensino remoto foi um desafio, emblemático, para todos os envolvidos, docentes, discente, gestão escolar, dentre outros, além disso, ao experiencarmos o novo, o inesperado, vimos que “novos tempos pedem novos letramentos” (ROJO, 2009, p. 34), então, além de já estarmos na era digital, de nativos digitais, tecnologias, etc., o ensino remoto evidenciou ainda mais a necessidade de novos letramentos nas formas de ensinar, de se repensar ensino, educação, dentre outros numa sociedade que já não é a mesma e que produz novas demandas sociais.

O ensino remoto demandou:

“reestruturar seus processos de ensino-aprendizagem às novas configurações que se apresentam no mundo contemporâneo e globalizado e [...] tomar para si a tarefa de trabalhar com esses novos modos de ver/sentir/agir e de significar o mundo e a realidade social” (ROJO, 1998, p. 46).

Outra questão advinda com o ensino remoto foi que professores que já tinham muitos anos de experiência em sala de aula, assim como aqueles recém formados, ou até professore sem formação se depararam com o desafio de viver, de se reestruturar, fazer novos planejamentos, posto que agora são novos contextos. Ainda se soma a isso, os medos, os novos letramentos frente à demanda do ensino remoto, etc. É certo que neste contexto havia professores que já utilizava de tecnologias em suas aulas, tinham mais domínio e letramentos digitais que outros que ainda se prendiam apenas ao uso de uma lousa, giz e o livro didático. Mesmo assim, o ensino remoto trouxe um desafio para todos, diante disso, Témoteo (2021) elucida que:

De repente, todos se igualaram, não havia distinção entre professores em início de carreira e os que estavam na reta final, às portas de uma aposentadoria: todos tiveram que aprender novas formas de ensinar. Quem sempre resistiu à inserção da tecnologia em sua sala de aula teve agora que aceitar fazer uso dela, mesmo que não soubesse nem por onde começar (TÉMOTEO, 2021. 69).

Contudo, é preciso pensar que o ensino remoto foi decretado para todos os níveis da educação, da fase infantil até o ensino superior, pós-graduações, etc. Tentar igualá-los ou colocar colocá-los dentro de um mesmo patamar, pode deixar lacunas neste processo, pois refletir sobre este contexto, não recai apenas sobre a atuação do professor, sobre suas metodologias, etc. mas sobre todos os envolvidos neste processo, com grande ênfase para os alunos, sem condições mínimas de acesso, disponibilidade e local apropriado para assistir as aulas remotas, dentre outros.

Para Témosteo (2021) neste contexto são novos letramentos, ressignificações, aprimoramento de metodologias, inclusão de novos textos, ferramentas que já são orientados pelos documentos orientadores como BNCC e PCN, mas que havia resistência por parte de alguns docentes em utilizá-los em sala de aula, no ensino. Entretanto, excluí-los é ignorar que já são parte do contexto, das práticas sociais da sociedade contemporânea, que faz compras por aplicativos, Delivery, Bank Office, Playlist, usa drives para armazenar imagens, livros em PDF, Kindle, dentre tantas outras possibilidades e que faz parte do cotidiano das pessoas. Assim, o ensino não pode se desvincular das necessidades dos tempos atuais que cada vez mais torna-se tecnológica e conectada em redes.

Com relação as inquietações por parte de alguns sobre o ensino remoto, Témosteo nos diz que:

De um modo geral, a experiência tem nos mostrado que o ensino online não goza do mesmo prestígio que o presencial, em razão das peculiaridades que são próprias dessa modalidade como o distanciamento físico, a metodologia para condução do trabalho, a qual pode levar o estudante a não se sentir tão seguro quanto se sentiria no ensino presencial, dentre outros. O contexto da pandemia apressou a tomada de decisões nas instituições, levando professores e gestores a ponderar sobre os diversos modelos de ensino a distância, mediados por tecnologias digitais. (TÉMOTEO, 2021, p .71)

Entendemos que em um contexto que pedia medidas urgentes, emergenciais, como se configurou o ensino remoto, é um processo que cada profissional, corpo de estudantes e toda comunidade acadêmica foram aprendendo no desenvolver de suas

ações. Cada escola, sala de aula, representa um contexto diverso dentro de um contexto novo chamado ensino remoto, aulas remotas, isto é, alguns professores passaram a utilizar a nível de exemplo o aplicativo WhatsApp dentro dos seus planejamentos. Há também contextos em que o docente vai se valer de várias ferramentas para cada atividade. É justamente com relação aos seus usos, que Moreira e Schlemmer (2020) nos faz refletir ao apresentar que:

A ênfase não está na tecnologia, sendo que esta atua como um ambiente promotor de redes de aprendizagem e conhecimento. O foco precisa estar nas condições que afetam a apropriação tecnológica, importando consigo um significativo incremento do sentido e da qualidade na educação. (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 6).

Em outras palavras, os autores retomam discussões que devem fundamentar a atuação docente e seu planejamento dentro do contexto atual, posto que não é apenas utilizar as tecnologias como mero “instrumentos”, mas sim da forma como o seu uso em sala de aula vai potencializar as habilidades, competências destes sujeitos, sejam elas psicológicas, sociais, cognitivas, etc., Ao incrementar e melhorar a educação, como de fato o uso dessas novas metodologias, novos textos contribuem para a cidadania, aprendizagem significativa, torná-los sujeitos ativos e participativos, inclui-los, entre outros.

Nessa perspectiva, não se pode pensar em ensino remoto, aulas remotas, as ferramentas e plataformas que constituem o novo formato de ensino, sem discorrer sobre os espaços em que este ensino se torna possível. As novas aprendizagens, conhecimentos que se reinventa a cada instante, está em constante modificação, replica-se, compartilham, entre tantos outros atributos, assim, no contexto do ensino remoto o “ciberespaço” se apresenta como novo ambiente de sala de aula em que as formas de apreender os conhecimentos se dão de forma que:

(...) Todos aprendem juntos, não em um local no sentido comum da palavra, mas num espaço compartilhado, um “ciberespaço”, através de sistemas que conectam em uma rede as pessoas ao redor do globo. Na aprendizagem em rede, a sala de aula fica em qualquer lugar onde haja um computador, um “modem” e uma linha de telefone, um satélite ou um “link” de rádio. Quando um aluno se conecta à rede, a tela do computador se transforma numa janela para o mundo do saber. (HARASIM et al., 2005, p.19).

Neste sentido, conforme autora, podemos compreender que o ciberespaço é cum campo múltiplo e plural de aprendizagens, linguagens, significações. Em outras palavras, uma aprendizagem compartilhada, de muitos atos de criação. Além disso, desloca-se da ideia de fixo, estático, ao pô-la em movimento ao ser acessada de qualquer lugar, espaço que o estudante, sujeito esteja. A ideia não é focar no computador enquanto instrumento, mas no “mundo” de possibilidades e saberes que se tem acesso ao está conectado em rede.

2.3 Biopolítica e ensino remoto

Para início desta seção, começamos a discussão refletindo sobre o que é o poder, especificamente o que se constitui como relações de poder. Para isso, Foucault (1980, p. 199 apud Souza, 2011 p. 103) nos diz que são: “formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente”. Conforme o mesmo autor afirma, podemos compreender que as relações de poder que circundam a sociedade e todos os setores, inclusive a educação, as escolhas de que conhecimentos são validados ou tem mais credibilidade, os apagamentos sociais de culturas e outros tipos de conhecimentos, etc., são constituídas historicamente, no seio da sociedade. E para isso, se utiliza das influências de quem está no poder, e que as suas ideologias, suas influências perpassam a sociedade como valor de verdade.

Com efeito relações também são construídas a partir das palavras, quando as enunciações, posicionamentos são integradas à sociedade, de forma que os aparelhos ideológicos ou aparelhos de repressão que se munem para que as suas ideias, as suas “verdades” passem a ser aceitas e seguidas por toda a sociedade, muitas vezes se dá de forma silenciosa, imperceptível, a ponto do outro não se perceber dentro dessa cadeia que envolve as relações de poder e que o outro detém um poder simbólico sobre os demais. Segundo Foucault (1979):

“Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e o delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violentos.” (FOUCAULT, 1979, p. 182).

No entanto, não podemos nos posicionar a ponto de pensar que o poder só carrega negatividade. Na realidade, todas as nossas relações passam por negociações, planejamentos, escolhas, etc. ou influência de algo que escutamos, ou desejamos, enfim, somos produzidos mediante estas trocas. A linguagem em si é social, identidade de um povo, constructo de relações de poder, histórias, contextos, etc., em Vigiar e Punir, Foucault (1975) nos afirma que:

É preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos: 'ele exclui', ele 'reprime' ele 'recalca', ele 'censura', ele 'abstrai', ele 'mascara', ele 'esconde'. De fato, o poder produz; ele produz real; produz domínios de objetos e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção." (FOUCAULT, 1975, p. 161).

Dito isto, torna-se relevante alguns pontos, referentes ao conceito de biopolítica, bem como aludirmos alguns pontos que permeiam a sua constituição. O precursor deste conceito, Michel Foucault, traz à tona esta discussão na palestra que ministrou no Estado do Rio de Janeiro, cujo nome era "o Nascimento da Medicina Social". Todavia, vale ressaltar que embora já neste momento fosse iniciada estas discussões, de forma embrionária, é no período de 1976 com a publicação do livro "A Vontade de Saber" – assim como com a ministração de cursos na França, especificamente no Collège de França, dos quais destacamos os cursos "Em Defesa da Sociedade, Segurança, Território e População e Nascimento da Biopolítica" – que este conceito ganha o destaque e abrange uma maior discussão do tema.

Ainda com relação ao poder, e aquilo que se torna intrínseco a este momento, Foucault apresenta que é a partir do século XVIII, que há uma guinada no Ocidente com algumas mudanças que impactam as relações de poder e os seus mecanismos, dos quais são constituídos como duas visões de direitos antagônicos. De certa forma, um que se apresentava como aquele que causa a morte, e o outro que surge e se sobressai neste momento e que se constitui como "um poder que gera a vida e a faz se ordenar em função de seus reclamos". (FOUCAULT, 1988, p.128).

Foucault é no século XVIII, considerado o marco deste momento, que a vida entra como elemento integrante destes espaços de poder. As suas relações passam a ser consideradas como elementos que integram, os fenômenos da vida humana passam a fazer parte ao tentar ser explicados, controlados ou modificados. Essas relações perpassam a ordem do saber e cálculos do poder.

Ainda, na discussão sobre a biopolítica e de como isso está relacionado as nossas práticas sociais, aos nossos desafios, medos, a vida que vivemos, a busca de resposta pra o imprevisível, a exemplo do combate a COVID-19, tem sido incessante pois põe a prova a existência da vida, etc. Foucault (1988) continua atual ao dizer:

“O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder.” (FOUCAULT, 1988, p.134).

Diante disto, ao ser a vida e tudo que a perpassa e explica, inclusive os seus processos biológicos, um novo espaço simbólico, e não mais a morte, passam a ser controlados ou modificados pelo poder.

Com efeito, para Foucault (1988) a questão biopolítica do contexto pandêmico recai sobre processos e escolhas metodológicas do que ensinar e de que saberes são aceitos nas instituições de ensino pois os sujeitos vão demandar novas formas de estruturação e reconstrução no pensar e fazer ensino. Trata-se de um outro poder-saber Foucault enfatiza:

“Se pudéssemos chamar de ‘bio-história’ as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de ‘biopolítica’ para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana.” (FOUCAULT, 1988 p.134).

Entendemos, pois, que a biopolítica na acepção foucaultiana introduziu novos saberes, ou novos objetos que se constroem a partir desta nova forma de referir-se à vida ou formas que podem ser constituídas por ela. Falamos de formas de vida que ao serem introduzidos objetivam controlar a espécie humana. As relações que são criadas “a serviço” do novo poder referem-se à dimensão coletiva, pois os olhares voltam-se para o coletivo-

Ainda, segundo Foucault (1976) a biopolítica não se fecha a enxergar ou estudar/explicar, no sentido de controle ou servir-se de modificações ao “corpo individual”, mas sim, com o coletivo. Suas relações são construídas consoante à

população e os fenômenos que acontecem a partir dela. Ademais, vale ressaltar que, as questões da população, dentre elas incluem-se acontecimentos e fatos em séries, fenômenos que se atentam ao coletivo, pois o seu nível de intervenção busca um alcance à existência humana, e não pode ser confundido com aquilo que se direciona a explicação do corpo individual. Assim, o que são consideradas neste quesito, relacionam-se a três fatores dos quais podemos elencar que são a política, biológica e a científica. Além do mais, por tudo isso, já apresentado, entendê-las dentro deste contexto é partir do campo de previsões, medições globais, natalidade, expectativa de vida, etc.

Até aqui, já destacamos que, a biopolítica está relacionada as ações que se desenvolvem, isto é, como uma nova forma de normalização, mediante a população nas relações de poder, que envolvem fatores biológicos, assim como políticos e científicos em sua composição. Todavia, não se sinonimizar ou confundi-la com o poder disciplinador ou com o poder jurídico, em sua forma de atuação e de agir sobre a sociedade. Compõe-se como aquela que normaliza, que se impõe de uma forma que põe o coletivo, as populações a admitirem suas ações sobre a prática de sua vivência e existência. Ainda segundo Foucault apud Fonseca (2004), sobre os sujeitos “aparecem como objetos de uma estratégia de atuação, como pacientes de uma dada formação subjetiva-embora, nesse caso o sujeito deva ser tomado como integrante de uma determinada coletividade ou de uma determinada faixa da população.” (FOUCAULT, p. 268,269 Apud FONSECA 2004)”.

Para Foucault um dos marcos do XVIII século são as formas de apreensão e aceitabilidade do termo população que se fundia em dois conceitos. O primeiro compreende a população em termos demográficos. O segundo, refere-se as relações que se criam e são firmadas na coexistência das relações humanas. O que se evidencia são as condições de existência, principalmente daqueles que coabitam um mesmo território.

Sobre o que se constitui como relevante á biopolítica, vale destacar o que FOUCAULT nos diz ao evidenciar que:

...é a natureza dos fenômenos que são levados em consideração. Vocês estão vendo que são fenômenos coletivos, que só aparecem com seus efeitos econômicos e políticos, que só se tornam pertinentes no nível da massa. São fenômenos aleatórios e imprevisíveis, se os tomarmos neles mesmo, individualmente, mas que apresentam, no plano coletivo, constantes que é fácil, ou em todo caso possível estabelecer. E, enfim, são fenômenos que se

desenvolvem essencialmente na duração, que devem ser considerados num certo limite de tempo relativamente longo; são fenômenos de série. A biopolítica vai se dirigir, em suma, aos acontecimentos aleatórios que ocorrem numa população considerada em sua duração. (FOUCAULT, 1976. p. 293.)

Neste sentido, conforme o autor, nestes acontecimentos que se dão no aleatórios, retem-se aos imprevisíveis, a pandemia, ao contexto de ensino remoto que nos permitiu novas formas de se pensar a educação, novos espaços de produção de conhecimento.

2.4 Tecnologias e ensino

Com relação ao uso das Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação-TDIC, assim como as linguagens produzidas que circulam no meio midiático, faz parte das nossas práticas sociais em que produzem sentidos e significados consoante ao enorme fluxo de informação que se propaga e compartilha na atualidade no espaço virtual. Já que não se pode ignorar as demandas que este ambiente solicita, assim como o contexto atual que vivemos de um mundo globalizado, que as mídias fazem parte das nossas práticas sociais, das quais a internet pelos fios de uma rede conecta pessoas, lugares, informações, novos gêneros são criados, linguagens, etc., torna-se um espaço múltiplo de saberes e letramentos. Dentro das produções, textos deste ambiente, alguns são efêmeros, outros estão em constante modificações, reelaboram-se constantemente, se formam mediante a atual conjuntura política, social e tecnológica que permite nas suas relações de interação da Língua, está em movimento, viva e modifica-se. Assim, dominar as várias linguagens presentes nestes ambientes torna-se um desafio, da mesma forma que se torna um campo de aprendizagens, letramentos e sentidos produzidos, uma infinidade de possibilidades de enunciações.

Torna-se relevante refletir sobre o ensino e as discussões que tratam da importância e necessidade de que haja o trabalho com os gêneros midiáticos. A respeito disso, temos a Base Nacional Comum Curricular- BNCC que traz na sua quarta e quinta competência que devem ser introduzidas no ensino, no planejamento e prática de sala de aula, estudos, trabalhos, pesquisas que desenvolvam esta temática no ensino a fim de que haja uma Leitura crítica das informações, novos letramentos, uma fluência digital.

No século XXI, temos a nosso dispor práticas socio discursivas da linguagem, uma gama de ferramentas e dispositivos digitais ou na prática de nossas atividades laborais uma infinidade de tipos de links, web sites, e-mails, jogos eletrônicos, etc., nesta direção, percebemos que são muitas as possibilidades de se produzir linguagem que pairam nestes espaços.

Além do mais, temos uma população mundial, sociedades contemporâneas, que estão cada vez mais interligadas em redes, conectam-se através de fios que tecem textos, tipos e gêneros novos, recriam e reinventam textos outrora discutidos mas que ganham novos elementos em sua composição, integram novos sentidos e significados ao serem postos neste novo lugar, novos suportes contextos, etc., uma cadeia de elementos que liga o texto, e que são nestas conexões entre suas partes que seus sentidos se constroem, sem esses pontos os sentidos podem ficar comprometidos, torna-se um desafio trazer para a sala de aula as produções, linguagens, diálogos que se formam no ambiente digital, para uma aprendizagem efetiva, embora já existam muitas pesquisas e orientações como da própria BNCC, PCN, de que as tecnologias da informação e comunicação são instrumentos que, aos serem bem gerenciados no ensino, fixam-se como potencializadores do ensino-aprendizagem, como exemplo disso, temos os gêneros digitais dos quais se pode frisar o meme.

Diante da conjuntura atual de um contexto pandêmico, as aulas remotas, alavancou o processo de algumas modificações, alterações nos planejamentos, escolhas metodológicas, avaliações dos alunos, dentre outros. Obviamente que foi um processo que operou sobre todos os setores educacionais do País, e que esse terreno gerou e se tornou um campo fértil de letramento para todo os envolvidos. Muitos letramentos se dão ao adentrarem em plataformas digitais. Santos, Gross e Spalding (2017, p. 123) acreditam que “os letramentos digitais terão de ser concebidos pela escola como uma habilidade essencial para a sua participação no mundo, como instrumentos que podem enriquecer a aprendizagem.”

Nessa perspectiva, dos letramentos, o que se objetiva é introduzir dentro das práticas de ensino de língua portuguesa é o uso adequado das tecnologias e dos gêneros que se formam e se constituem nestas trocas provenientes do acesso dos estudantes às plataformas digitais que já não se pode ignorar as linguagens que são criadas e circulam nas mídias sociais e que produz sentidos. Elas são parte constitutivas do processo de comunicação, assim como a hibridez dos gêneros, dentre

outros aspectos que contribuem e ampliam os letramentos, posto que são parte do cotidiano e contexto dos estudantes.

Diante dessa proposição, corroboramos sobre a importância do aluno ser protagonista no seu processo de aprendizagem, isto é fundamentado pelo documento da BNCC (2018). O uso das tecnologias digitais possibilita apresentar novas as linguagens, textos que circulam no ambiente digital, multimodais, dentre outros. Vale ressaltar que o uso das tecnologias não diminui ou substitui o professor neste processo, que continua sendo por demais relevante nos papéis que desempenha no ensino, visto como mediador do conhecimento, da aprendizagem no ensino. Almeja-se na atualidade é um ensino que se pautem nas práticas sociais, sejam de forma presencial ou virtual, e que de fato conduzam a aprendizagem efetiva da língua, desenvolvendo uma prática reflexiva na docência.

Concomitante a isso, ao refletirmos sobre a prática reflexiva que deve ter os professores referentes ao ensino, a estruturação, planejamento das estratégias e metodologias usadas em sala de aula, bem como na relação ensino-aprendizagem, podemos elencar que são os professores e alunos os protagonistas deste binômio ensino-aprendizagem, para isso, com relação as práticas pedagógicas que se utiliza para alcançar estes propósitos, ao dispor dos instrumentos que conduzem a sua atuação se torna crucial conhecer o contexto que está inserido, assim como ter ciência dos documentos norteadores que subsidiam a práxis, à docência.

Diante disso, Masetto, (1997, p. 35) afirma que:

Quando o aluno percebe que pode estudar nas aulas, discutir e encontrar pistas e encaminhamentos para questões de sua vida e das pessoas que constituem seu grupo vivencial, quando seu dia-a-dia de estudos é invadido e atravessado pela vida, quando ele pode sair da sala de aula com as mãos cheias de dados, com contribuições significativas para os problemas que são vividos "lá fora", este espaço se torna espaço de vida, a sala de aula assume um interesse peculiar para ele e para seu grupo de referência. (MASETTO,1997, p. 35)

Nesta perspectiva, Masetto (1997) pensa que o ensino, tenha por base o contexto que estes alunos estão inseridos assim se evita o uso de conteúdos desconexos e sem sentido que não propiciem uma aprendizagem significativa. No entanto, quando o desenvolvimento das discussões e pautas sobre a língua são condizentes à realidade passa a instituir mais sentidos e contribuem para a compreensão e aprendizagem.

Consoante a isso, sobre o ensino que pautado na realidade, Alves (2014) nos diz que: “proporciona uma maior motivação e interesse dos educandos, pois possibilita uma discussão sobre assuntos reais que os conduzam a repensar suas ações cotidianas” (ALVES, 2014, p.46).

Por tudo isso, o que se objetiva do ensino é que dialogue com o contexto que vivemos, pois no mundo contemporâneo, o uso de novas tecnologias e os gêneros que emergem nesse ambiente, permite que o aluno se conecte com o mundo que vive, tornando-se mais ativo, reflexivo e participativo em sociedade.

3 CURRÍCULO E ENSINO

Ao iniciarmos esta seção para discutir algumas construções sobre o currículo e sua relevância para a educação, iniciamos a definição por Pacheco(2001,p.16) que diz“ o currículo, se comparado a um jogo com regras, torna-se, pela sua própria natureza e dimensão, bastante problemático e conflitual sempre que se procura defini-lo. Aliás, cada definição não é neutra [...]. (PACHECO, 2001, p. 16).”

Para Goodson (2010), as relações, considerações e assertivas que comumente tem se instituído sobre o que é currículo, a forma como é aceito na sociedade, são constituídas a partir de processo que envolve ponderações epistemológicas ou deliberações. Referentes a isso, enfatiza que:

“aquilo que é considerado currículo num determinado momento, numa determinada sociedade, é o resultado de um complexo processo no qual, considerações epistemológicas puras ou deliberações sociais racionais e calculadas sobre conhecimento talvez o sejam nem mesmo as mas centrais e importantes (GOODSON, 2010, p.9).

Ao corroborarmos que o currículo não é estanque, movimenta-se em sociedade, frente aos anseios, demandas da sociedade. Entendemos, portanto, de acordo com Moreira e Silva (1994, p 7-8) que “o currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação”.

No entanto, durante muito tempo, o currículo, ao assumir ou condicionar o ensino para uso de determinados conteúdos, epistemologias em detrimento de outros, enquanto praticava-se uma eutanásia com outras formas de saber, apagam determinados grupos sociais, e assim aqueles grupos que são incluídos, dentro desse sistema segregador, são legitimados em relação aos demais (Moreira e Silva, 1994).

Defender ou se basear numa perspectiva do que é o currículo, introduz negociações, relações de poder em que os elementos e a forma como são postos em sociedade produz os sentidos, para isso, Lopes e Macedo (2011a) nos diz que:

“Não é possível responder “o que é currículo” apontando para algo que lhe é intrinsecamente característico, mas apenas para acordos sobre os sentidos de tal termo, sempre parciais e localizados historicamente. Cada “nova definição” não é apenas uma nova forma de descrever o objeto currículo, mas parte de um argumento mais amplo no qual a definição se insere. A nova “definição” se posiciona, seja radicalmente contra, seja explicitando suas

insuficiências, em relação as definições anteriores, mantendo-se ou não no mesmo horizonte teórico delas (LOPES; MACEDO, 2011a, p.19)".

Segundo Veiga-Neto (2002) pensar currículo, desde a sua constituição, não pode ser definido ou caracterizado como fruto de organizações educacionais, ou crédito exclusivo de algum ou alguns educadores por serem intelectuais de destaque, assim como também não se resume nos pós-renascentistas, na realidade, o que produzia e na atualidade, ainda se constitui no mesmo viés são por “acontecimentos contingentes” (VEIGA-NETO, 2002, p.168), isto é, podemos apreender que estes acontecimentos são aqueles que não estavam programados, nem são estáticos, mas em movimento. As contingências revelam um currículo que se modifica, reinventa-se, é passível de transformação, frente a uma sociedade, língua, modos de viver, relações de poder, etc.

Diante disso, entendemos que pensar o currículo é aponta-lo para as questões sociais, culturais, etc. O próprio autor delimita que são estes acontecimentos que produzem o currículo, não se pode desvincular, caráter social, político, cultural, etc., das atividades que são produzidos nas práticas cotidianas, que nas vivências diárias, no casual, e que não são exclusivas ou únicas de ambientes escolares, obstante constituem-se além destes espaços.

O ensino remoto se constitui como um acontecimento contingente, que surge de repente como umas das alternativas para as pessoas terem acesso ao ensino. Tal acontecimento produz currículos. Assim, não entendemos currículo como documento fechado, estanque, do qual os acontecimentos, novidades, necessidades e mudança de cenário tem que se apequenar nas suas normas. Ao contrário, o currículo é aquele que está se movimentando, justamente por se formar e reinventar nas contingências que surgem e que não são controladas pelo ambiente escolar, mas que influem neles, pois mantém influência sobre os sujeitos sociais.

Consoante as discussões sobre currículo, entendemos que se constituem como artefato que advém das negociações em sociedade, a todo momento. Em contextos diversos, negociam-se palavras, sentidos, culturas, mediadas por relações de poder e dominação que perpassam as práticas sociais, as políticas educacionais, das quais se articulam interesses, posições, conhecimentos válidos dos excluídos, etc.

Sobre entender o currículo como instituinte de sentido no processo de negociação da diferença, Macedo vê currículo como:

Como uma prática cultural que envolve, ela mesma, a negociação de posições ambivalentes de controle e resistência. O cultural não pode, na perspectiva que defendo, ser visto como fonte de conflito entre diversas culturas, mas como práticas discriminatórias em que a diferença é produzida. Isso significa tentar descrever o currículo como cultura, não uma cultura como repertório partilhado de significados, mas como lugar de enunciação. Ou seja, não é possível contemplar as culturas, seja numa perspectiva epistemológica, seja do ponto de vista moral, assim como não é possível selecioná-las para que façam parte do currículo. O currículo é ele mesmo um híbrido, em que as culturas negociam com-a-diferença. (MACEDO, 2011, p.105)

Com efeito, o ensino remoto é o lugar de abrigar a novidade. Diante disso, Veiga-Neto nos diz que "foi com o currículo que ela [a novidade] assumiu uma posição ímpar na instauração de novas práticas cotidianas, de novas distribuições e novos significados espaciais e temporais." (VEIGA-NETO, 2002, p.164).

É certo que o contexto de pandemia, abriu as portas para que todas as escolas, com raras exceções, experienciassem o ensino remoto na pandemia da COVID-19, pensassem numa perspectiva diferenciada haja vista que antes nos colocava frente a uma resistência em atrelar as tecnologias, os textos, gêneros e ferramentas do mundo digital nas aulas, no ensino. Agora coloca a escola condicionada às redes, aos links, para se fazer acontecer. Os momentos virtuais tomam o lugar daqueles de forma presencial, novos espaços são introduzidos ao trocar a sala de aula física de determinado bairro, numa extensão territorial de latitudes e longitudes definidas, etc., para se fazer acontecer através das redes.

Os deslocamentos mudaram as suas direções, agora nossas reflexões são ao deslocar da escola palpável, física, de paredes concretas, para novas paredes que se constroem por meio de *link* no *Google Meet*, grupo de *WhatsApp*, ou outras formas de se manter interligados em redes. Podemos dizer que se configurou a "(...) Espacialização dos saberes que vai buscar o desconhecido e enquadra-lo nesse retículo disciplinar em que se constitui o currículo (...)" (VEIGA-NETO, 2002, p.165).

O ensino remoto, todos os desafios, letramentos, novos saberes que foram possíveis a partir dele, configura-se como o desconhecido, não programado, que ao ser decretado em caráter emergencial o enquadraram dentro do currículo. Implica compreender currículo como "um artefato escolar cuja invenção guarda uma relação imanente com as ressignificações do espaço e do tempo(...)" (VEIGA-NETO, 2002, p.167). Cientes de que, outros espaços além da sala de aula, bem como conhecimentos além daqueles que foram legitimados pelo eurocentrismo, já

ressignificam novos espaços de produção de conhecimento, de currículo. Em outras palavras, o ensino remoto permitiu uma ressignificação sobre o que é ensino e desmantela a ideia de legitimar apenas a sala de aula física ou o formato presencial. Permitiu também intensificar a relevância de atrelar o ensino de língua portuguesa com o contexto, condições de produção, {às situações comunicativas que se produzem e circulam no virtual}.

Sobre os textos curriculares e sua relação com o ensino, o nosso posicionamento vai ao encontro das ideias de Mainardes (2006) ao destacar que não são estanques, estão em movimento. Por isso, não está pronto e acabado, pelo contrário se faz, reinventa-se, constitui-se dia a dia mediante os desafios, demandas da escola, professores, comunidade, do ensino, etc. O atual contexto do ensino remoto vai produzir currículos diferenciados para cada contexto, diferenciam-se, mediante os contextos, visto que que somos um país multicultural, plural. Por conseguinte, cada sala de aula, alunos, corpo docente terão as suas peculiaridades e um mundo de possibilidades. Assim, nas palavras de Manairdes (2006), não são os processos de criação que os constituíram, mas no processo, na produção. A nova geometria surge, da nova forma de enxergar e perceber as coisas, principalmente no espaço-tempo.

3.1 Teoria Curricular Itinerante e deslocamentos do ensino remoto

Pensar os conceitos e norteamentos da teoria curricular itinerante, da itinerância neste momento de ensino remoto se torna crucial, posto que estamos vivenciando os deslocamentos do fixo, das paredes da sala de aula, da presença física e de todas as relações que se davam nela, para outros espaços, os virtuais. Dito isto, novas relações se constroem, tanto de forma síncrona como assíncrona, pois de forma síncrona, todos ao mesmo tempo estão ligados em rede, possibilitado pelo uso da câmera, do microfone ou do chat, um diálogo, redes de conversa, discussões, etc., De forma assíncrona, cumpre prazos e datas ou sana dúvidas via uso de outros meios, como podemos citar o google sala de aula, ou em casos o WhatsApp que tem se tornado uma ferramenta de trabalho e trocas de informações, sendo, pois, um espaço que tem compartilhado saberes neste momento de pandemia.

Nesse sentido, temos vivido momentos que borram os conceitos de escola, ensino como aquele que se dá exclusivamente nas dependências físicas da

instituição. Isto foi uma mudança que impactou todos os atores: docentes, alunos, gestão, etc. Todos passam a se utilizar de outros espaços físicos para manter a sua conexão virtual, alguns dispõem dos lares, principalmente a maior parte dos professores, vivendo o home-office, outros, com destaque para os alunos, conectam-se as aulas nos mais variados lugares e alguns até nas atividades laborais. Isso tudo traz novas formas de se pensar o ensino, a educação e do uso de tecnologias para o currículo.

Diante o cenário caótico da COVID-19 e todas as medidas de enfrentamento ao vírus e a sua disseminação, é criada mediante estas medidas protetivas de distanciamento social para tentar conter o avanço. Distanciar-se ou até mesmo isolar-se do convívio presencial, em vários ambientes, afetaram todos os setores da sociedade, dentre eles a educação, economia, etc., pois o que estava em questão era e são as vidas das pessoas, por ser de fácil contágio a COVID-19 e não está preparado o sistema único de Saúde e evitar um colapso.

Assim, foi criada em caráter de urgência, como forma de tentar retornar com as aulas e os programas de ensino, o ensino na modalidade remota, em todas as escolas do Brasil, privadas e públicas. Todavia, as escolas privadas em grande parte do Brasil já tenham retomado as aulas presenciais, ou estão vivendo o ensino híbrido.

O ensino remoto tem dividido opiniões, e isto perpassa a própria configuração política, histórica e social do País, pois o formato de ensino remoto não é viável ou possível a todos os alunos, principalmente as camadas mais carentes da população que não dispõem dos mecanismos necessários para ter as aulas remotas, seja por não dispor das mínimas estruturas como internet ou aparelhos digitais como computador, notebooks ou celulares para assistirem as aulas. Outras condições vêm à baila, como não ter um espaço estruturado para estudar em suas casas, a ausência da merenda escolar ou de outros tipos de atendimentos que antes tinham acesso nas escolas que estudavam. Além disso, o contexto requer a resignificação por parte de alguns, no que toca a múltiplos letramentos e o uso das Tecnologias da Informação na educação.

Pesquisas anteriores a este momento atual de pandemia da COVID-19, autores como Macedo e Lopes, apresentam uma discussão sobre currículo que possibilita compreendê-lo como prática de sentido. Além disso, podemos conectar este momento com a Teoria Curricular Itinerante (TCI) discutida e apresentada por Paraskeva (2018) ao trazer à tona uma teoria que não se fecha a um lugar físico, estático, mas que

contempla estes outros lugares além da sala de aula física, ou além daquele espaço de previsibilidade em que as situações comunicativas e discursivas manifestam-se e produzem sentidos, espaços de interação da língua, de novos textos que surgem, dos processos enunciativos da Língua. Outra pesquisadora que nos traz algumas contribuições sobre este assunto, Tomé (2018) quando enfatiza sobre “a rede de relações e de remetimentos especialmente digitais, disponíveis on-line... que desmonta hierarquias, linearidades, sequencialidades inerentes a página impressa e permite novas construções de sentidos.” (TOMÉ, 2018, p. 22)

Com base nas palavras de Tomé (2018), podemos compreender que, novos sentidos são construídos em meio a uma grande teia de redes que são criadas e compartilhadas no ambiente digital, dos quais desmantela ou quebra uma linearidade que colocava como o certo ou válido somente alguns tipos de saberes ou compêndio de conhecimentos e ignorava todo um mundo de possibilidades nestes outros espaços que se produz, circula e multiplica-se saberes. A sequencialidade perde-se ao entrar novos campos que permitem ao imprevisível ser fruto do nosso estudo e discussões a ponto de ser fator de gerar efetividade no trabalho com a Língua, no currículo e nas práticas de ensino.

Desmantela a ideia do fixo, ao mesmo tempo que há uma certa normatividade no uso da plataforma, ambos necessitam está, quando de forma síncrona, em tempo real conectados por um mesmo link, no espaço sem fronteiras que permite unir pessoas dos mais diversos lugares do mundo pela internet e pelas plataformas e ferramentas digitais.

Questionamentos que antes já eram preocupação de alguns, retomam a discussão neste período de ensino remoto, a saber, as relações de poder implícitas que subjazem a dar o aval de validação ou negá-lo referente ao conhecimento, aquele que se torna aceito e compartilhado nas escolas e no ensino de forma geral, e do quanto esta fundamentação em validá-lo segregou e escondeu a ponto de ser posto do outro lado da linha (PARASKEVA, 2018). Pensar naqueles que estão do outro lado da linha neste contexto atual, provavelmente abriria espaços para outras indagações e pesquisas sobre tantos sujeitos que não foram contemplados no ensino remoto, que não tem acesso à internet e nem condições mínimas de assistir as aulas em casa, e deque novamente falta políticas inclusivas que de fato deixem a diferença aparecer e ser respeitada, integrada.

Na verdade, a modernidade conforme autor “encontra-se morimbunda” e que já não responde as inquietações da sociedade atual, a reconstrução de saberes. Ainda neste aspecto, podemos corroborar no que o autor diz ao apresentar que:

Não é compreensível como pode “alguém” realmente reclamar de que sabe realmente as coisas reivindica saber se há uma dada plataforma epistemológica imensa que congrega uma infinidade de outras formas de episteme que foi e continua a ser violentamente produzida como não existente através de domesticados processo de reificação do conhecimento e da realidade (LUKÀSCS, 1968; HORKHEIMER:ADORNO,2002 APUD PARASKEVA,2018,p.43)

O que vem ocorrendo ao longo do tempo é um apagamento das muitas epistemes, das realidades e outros campos da educação, que não podem ser fechadas como sinônimas ao ensino, especificamente aquele que figura na base de uma sala de aula estática e fixa. Diante disto, vivenciamos durante séculos aquilo que Santos apud Paraskeva (2007) nos diz “na medida em que elimina eficazmente quaisquer realidades que estão do outro lado da linha” (SANTOS,2007b, apud Paraskeva (2018, p. 48). Se antes já vivíamos um apagamento de tantas outras formas de aprendizagem, ao colocar o fixo, espaços da escola e sala de aula como os únicos instituintes de significados; hoje conhecimentos está do outro lado da linha nos diz de poder e hierarquia política, ideológica social e cultural.

Mas em que consiste este outro lado da linha? Durante anos houve um apagamento de tudo que se configurava ou produzia neste espaço territorial não fixo, faltava ciência de que o currículo é movimento e que não se estagna em um espaço temporal e territorial delimitado. Assim era denominado o outro lado da linha tudo aquilo que quebrava e desconcertava os ideais e paradigmas eurocêntrico. Diante disso, praticava-se uma eutanásia de tudo aquilo que se dava neste lado da linha, que se atenta a uma infinidade de saberes e conhecimentos, experiencia que se desperdiçam numa tentativa de inviabilizar aquilo que é de fato relevante na construção dos sujeitos e da sua cidadania em todos os setores sociais.

Partimos do pressuposto que, tendo a Língua um caráter de interação, entendemos que o sujeito não antecede as demandas. Do contrário, é produzido a partir delas” (RIBEIRO, 2008, p.129). Assim, condizente ao autor, acreditamos que os sujeitos se constituem em meio as novas e inesperadas demandas que surgem, tais como a demanda proveniente do contexto pandêmico que colocou todas as escolas

do país, para desenvolverem suas atividades através de plataformas digitais. Não foram escolhas espontâneas é certo, nem talvez as mais desejadas, mas as demandas atuais, o contexto pediu novas formas de produção, de se está junto, um junto que se dá em meio as redes, as tecnologias, e que formam sujeitos ativos e participativos para responder aos anseios do momento. Então percebemos a itinerância do ensino remoto como elo que fortalece as práticas sociais e a cidadania dos seus sujeitos.

Assim, currículos são produzidos nestes espaços. Sobre isso, Oliveira & Frangella (2008) dizem que:

“Ao conceber o currículo como espaço enunciativo, e, por conseguinte, como prática de significação, estamos assumindo que ele não é algo dado a priori, tampouco se esgota na formulação de um documento, ou mesmo na prática docente. Sendo assim, o currículo constitui o conjunto de discursos que estabelece sentidos, sempre contingentes, num movimento contínuo de construção/reconstrução. (OLIVEIRA&FRANGELLA, 2008, p.163)

Considerando essa concepção apresentada pelos autores, compreendemos o currículo no ensino remoto, como espaço que se constroem, produz enunciações passíveis de modificar-se. E, por não ser estanque, permite se reconstruir, reconectar as práticas sociais, às demandas da atualidade, ao contexto. Então currículo não se limita as formalidades que o documento impõe, mas é nos balanços, isto é, na maleabilidade de refazer-se nos espaços que novos discursos e sentidos são produzidos e contribuem para ensino efetivo da língua.

Santos apud Paraskeva (2018) diz que pensamento abissal se configura como aquele que tem ideais ao encontro do pensamento moderno ocidental. O pensamento abissal é aquele que durante anos, e ainda tem persistido por alguns espaços que apagam outras formas de saber, e que se estrutura no viés de um currículo fixo, pronto e que excluí do seu corpo uma gama de outras aprendizagens, O pensamento abissal é, pois, constituído:

Num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo as invisíveis o fundamento das visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo “deste lado da linha” e o universo do “outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como não existente. Não existente significa não existir sob qualquer forma relevante ou compreensível “de ser”. Tudo o que é produzido como não existente é excluído de forma radical, pois está para além do universo que a própria concepção aceite de inclusão considera

como sendo o outro. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha. Na medida em que predomina, este lado da linha só prevalece esgotando o campo da realidade relevante. Além dela, só há não existência, invisibilidade e ausência não dialética (PARASKEVA, 2018, p.45).

A TCI caminha contrário ao pensamento abissal, pois permite que apareça, que a diferença possa emergir, eclode no currículo como o outro lado da linha, como parte constituinte desta prática de significação. A TCI quebra o fixo, e apresenta essa gama de outras formas que se dão além destes espaços e que tenta ser invisibilizada pelo pensamento abissal.

O ensino remoto e as experiências, letramentos que se dão em meio ao virtual perpassam estes espaços e de certa forma, mesclam-se, por um instante, as redes as plataformas que se tornam as portas de entrada para o saber acontecer. De outro modo, o pensamento pós-abissal é apresentado por Santos (2007b, p.65) como “um pensamento não derivativo, envolve uma ruptura radical com as formas ocidentais modernas de pensar e agir.” Pensamos que a TCI, desterritorializa espaços, do qual o “conhecimento é interconhecimento” (SANTOS, apud Paraskeva, p.66), não são fragmentados, não são repartidos, não subdividem entre aqueles que tem mais valor ou menos, não desprezam as experiências do cotidiano. Todavia, são na soma, na integração e relação entre eles para formar um todo que os sujeitos, assim se constituem como fundantes de prática se sentidos e que se estabelecem, conforme Paraskeva (2008) apud Paraskeva (2018), como “ecologia de saberes”.

Na perspectiva da TCI que refletimos o novo contexto atual de pandemia. As mudanças que afetam a educação e o ensino, permitem adentrar na “ecologia de saberes novos saberes que intercalam as tecnologias digitais e seus produtos, com a criação do ensino remoto e novas formas de encontros que agora não acontecem presencialmente, mas no virtual, bem como as metodologias e estratégias para se trabalhar neste formato remoto. Tudo isso caminha ao encontro do que a TCI, de tal forma que as suas premissões são que “a teoria curricular tem que dar voz e engendrar as diferenças, desterritorializando-se e olhando para novas formas de pensar e sentir a educação” (Paraskeva, 2008, p. 51). Isto é, a TCI permite a eclosão dessas diferenças ao integra-las no currículo, e se abrir para um leque de outras formas de se pensar e fazer a educação, inclusive pensar novas formas de aprender mediadas pelas tecnologias, por outros tipos de textos e linguagens que circulam na contemporaneidade, já que não se pode ignorar o quanto as redes da internet fazem

parte da prática cotidiana das pessoas, para se pensar e estudar a língua, para torná-los mais ativos em sociedade. O ensino remoto desterritorializa-se ao se deslocar, e nestes deslocamentos é que eclode uma gama de outras possibilidades, se sentidos.

O que estamos vivenciando neste ensino remoto, ou no contexto que seja de forma preventiva ou protetiva contra a disseminação da COVID-19, possibilitou “perdas” que ao desterritorializar, deslocamos do ambiente fixo, do olho no olho de forma pessoal, do contato pessoalmente, para criar-se, ou apropriar-se do que já tínhamos, um novo espaço, o ambiente virtual, mas que, ora fixa-se por um link, ora torna-se em movimento.

Há alguns anos que tem se prolongado as discussões e inquietações com relação a monopolizar como conhecimentos válidos somente aqueles que vão ao encontro dos interesses eurocêntricos. Tendo em vista as questões já apresentadas, o que se busca dentro do contexto atual é que, as práticas de ensino, reflexivas, sociodiscursivas, proponha o ensino que seja pautado na construção da cidadania, que permita aos sujeitos envolvidos que os conhecimentos colaborem para fortalecer as suas relações no cenário educacional, político e social do qual pertencem, de forma crítica. Em relação a isso, as práticas de ensino e estudo que caminham ao encontro do contexto dos sujeitos e que contribuem para a sua efetivação e crescimento, Freire (1980) esclarece que:

Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se). (FREIRE, 1980, pp. 33-34).

Nota-se com isso que, referente a desterritorialização, dos deslocamentos que se sucederam com o ensino remoto, em meio ao imprevisto e indeterminado advindos do vírus da COVID-19 e seu poder disseminador pelo alto contágio, assim se reestruturou novas teorias curriculares, apresentando novos moldes de se fazer educação e de se constituir como docente, alunos neste momento, para isso, Lopes ressalta que:

os textos são desterritorializados, deslocados das questões que levaram a sua produção e relocalizados em nossas questões, novas finalidades educacionais. Com isso, há um deslizamento de sentidos e significados que anteriormente mantinham uma relação mais fixa, quando associados a uma teoria curricular. A incorporação do hibridismo, a recontextualização implica

considerar o indeterminismo, a fluidez e o caráter oblíquo do poder nos processos de significação. (LOPES,2008, p.32).

Nessa sintonia, sobre as discussões referentes a currículo, desafios do contexto atual de ensino remoto, da itinerância do currículo, discutiremos a seguir sobre os memes e as suas representações em sociedade.

3.2 Memes e contexto pandêmico

Na sociedade atual, no mundo globalizado, cercado por tecnologias, ferramentas digitais, novas formas de se comunicar, expressar, de leitura e escrita são produzidos, pois a própria sociedade pede novas formas para se expressar. Assim na pós-modernidade as relações, os novos sentidos, são introduzidos em novos eventos comunicativos, que já não são contemplados exclusivamente por uso de palavras, mas que se utiliza de outras semioses para dar mais ênfase ao que sentem, pensam, criticam, etc. Para compreendê-los é necessário a soma de todos os fatores que o constituem, de todos os seus elementos sem percebê-los de forma isolada, mas integrados. Vieira (2007, p. 9), “Ao texto pós-moderno acresce a necessidade de utilizar mais do que uma articulada composição de frases e de períodos. Necessita-se de imagens e até mesmo de sons e de movimentos (TV, cinema e internet), que se entrelaçam para construir os novos sentidos exigidos pelos textos contemporâneos” (VIEIRA, 2007, p. 9)

No ambiente digital, são muitos os textos e tipos de textos que são propagados neste espaço, destacamos como exemplo o gênero meme, que se trata de um gênero midiático, para muitos autores, por ser um gênero que produz e circula no ciberespaço, ao proferir discursos que representam as muitas vozes que apresenta personagens, bem como as situações de um contexto sócio-histórico específico.

Tem crescido cada dia mais o compartilhamento, produção de memes e sua reprodução, pois se apresenta geralmente como um gênero efêmero, que se relaciona a determinado contexto situacional. Isto fica evidente ao entendermos as próprias mudanças que vem sofrendo ao longo do tempo, dos quais agora se apresenta em diversos espaços de circulação, como jornais e capas de site, já que não figura apenas no submundo referente à nerds, trolls, mas como textos, como aqueles que reproduzem e muito diz do mundo que vivemos e de quem somos. Assim são muitos

os contextos representados a partir dos memes como propostas a explicar o meio que estamos e a nossa realidade.

Assim, dentre esta realidade, este mundo que pode ser representado e discutido a partir do gênero, temos temas que variam entre a situação política, social, particular, seja o cotidiano, dentre outros. Portanto podemos perceber que são bastante variados os conteúdos dos memes e que são múltiplos as situações, fatos, pessoas, etc. que podem virar um meme. Não há receitas fechadas, nem temas excludentes, mas uma gama infinita de possibilidade de se trabalhar a Língua, um ensino reflexivo do qual coloque nossos sujeitos como cidadãos ativos e participativos em sociedade.

Vale ressaltar que, se nas escolas já tem crescido o acesso e reflexão da Língua referente à utilização deste gênero, em sala de aula, seja no formato presencial e isto fica ainda mais visível no ensino remoto, tem crescido a busca de estratégias metodológicas que contemplem o trabalho com os gêneros digitais. Dentre eles destaca-se o meme por ser um gênero de muito acesso e ter uma alta popularidade entre os jovens que cada vez mais adentram nos espaços virtuais, no universo midiático e estão atentas as várias linguagens e interações que são produzidas nestes espaços.

No entanto, a escola não figura como único espaço de discussões referentes ao gênero, devido a sua alta popularidade como já mencionada anteriormente, gerou entre aqueles que ao primeiro contato com o gênero a vontade e curiosidade em quererem aprender um pouco mais sobre como utiliza-los, produzir e reproduzir. Para isto, foram desenvolvidas e produzidas algumas enciclopédias com o intuito de esclarecer sobre como o meme funciona e quais os significados postos a partir dele. Todavia, cada meme tem sua particularidade de sentido, pois também se constitui como enunciado, como prática discursiva. Assim, podemos citar alguns destes. No Brasil destacamos o “Memepedia” e o “Museu dos Memes”, este é muito utilizado para as pesquisas acadêmicas referentes a coleta dos memes. Internacionalmente, podemos citar o “KnowYour Meme”, dentre outros. Outros espaços também apresentam esta discussão, podemos exemplificar o canal de televisão a cabo TNT, que semanalmente traz uma discussão com a temática dos memes mais circulados e compartilhados na semana, os mais populares, que alcançam um grande número de compartilhamentos e atenta para interagir com o seu público, os espectadores,

apresentado os contextos e usos deste gênero naquele espaço e quais os seus sentidos.

Outro fator a destacar, é a capacidade que o meme tem de reproduzir, de reexistir, dos quais, destacamos os “geradores de memes”, as facilidades de recriação deste gênero, com quais já disponibiliza uma grande facilidade a partir de modelos disponibilizados, que os internautas, ou sujeitos, criem o meme para o contexto e situação que desejarem. Assim, uma mesma imagem, pode ser modificada ao somar-se alguns fatores verbais e gerar um novo sentido, a recíproca também é verdadeira, do qual a escolha da imagem, ao modificar também gera novas significações, bem como o próprio contexto que é compartilhado estes textos.

Os memes também se materializam como aqueles que representam e formam identidades culturais. A representação se torna mensurável a partir dos discursos que o próprio gênero introduz na cadeia comunicativa, nos sentidos e significações construídos. Representa em dado contexto o professor no contexto do ensino remoto junto aos desafios, medos e aquisições possíveis neste novo formato de ensino, assim como também apresenta outros atores que fundamentam e contribuem para a formação de outras identidades que são referências das aulas remotas e tudo o que se associa e se interconecta. Ademais, ao compreendermos os memes como instituintes de sentido, como textos que são proliferados e compartilhados na internet e em outros espaços de reflexão da linguagem e tomando por base os constructos de Bakhtin (1999) no tocante a linguagem, as relações dialógicas que são formadas e que contribuem para formar as identidades dos sujeitos, que circulam em web sites, representam seus pontos de vista, reflexões sobre determinados assuntos, dentre outras características.

Com relação ao contexto de criação e ascensão do meme, Richards Dawkins de forma pioneira, a partir década de 70, especificamente em 1976, com o livro *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta) utiliza o termo meme. Em decorrência disso, passa a reverberar em nosso contexto comunicativo. Neste primeiro momento, o termo meme era definido como “uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação” (DAWKINS, 2007, p. 330), no entanto, as definições foram se modificando e variam, a ponto de existir entre os pesquisadores em memética, especialistas ou estudiosos dos memes, variações quanto a definição do termo em questão. Consequente a isso, temos dentre estes aqueles que se filiam na perspectiva de entender o meme, como Blackmore (2000, p. 65) Apud Dantas (2021, p. 60) que apresenta, “os memes são

histórias, canções, hábitos, habilidades, invenções e maneiras de fazer coisas que copiamos de uma pessoa para outra através da imitação”. Neste sentido, sendo o meme aquele que “imita” podemos recepcionar estes textos como aqueles que representam algumas situações, sujeitos sociais, etc. e produz sentidos na sociedade, Além disso Blackmore (1999) apud Dantas (2021) enfatiza que os memestambém influenciam, propagam-se como peças fundamentais na construção da nossa cultura, do processo de evolução cultural do homem na sociedade e no meio que vive, de como nos modificamos ao ganhar novos atributos, assim são um elo importante que molda a sociedade. Para Phillips (2015, p. 22) Apud Lohmann (2019, p. 19) “memes só fazem sentido em relação a outros memes e permitem que os participantes falem de forma clara e coerente para outros.

Dentre as muitas funções os memes podem desempenhar, difundir, as pluralidades de sentidos que este gênero carrega, significados que repassam a sociedade, seja de forma crítica, irônica, reflexiva ou com propósito de entretenimento, de comunicar, etc. Silva (2016, p.349) nos chama a atenção ao discorrer que “Os memes podem também instaurar uma reflexão, podem questionar uma realidade, problematizar uma situação”. É neste sentido que nossas pesquisas e propôs a compreender os sentidos dos memes do ensino remoto, o que dizem, quais sentidos traz, que contextos são apresentados, quais as problematizações ou reflexões que podemos inferir a a partir deles.

Ainda com relação aos os memes, Silva (2016, p. 342), revela que:

“Os memes podem ser formados por imagens, por figuras, fotografias, frases, palavras-chaves ou qualquer outro elemento que apresente um conteúdo irônico ou humorístico que se propague ou se replique na rede. Surgem, replicam-se e transformam-se na rede em uma velocidade impressionante, o que nos permite compará-los a um vírus que se espalha de forma epidêmica, contaminando um número impressionante de pessoas”.

De acordo com autor, podemos apreender que os memes podem se configurar de forma plural, de imagens a figuras, frases, gifs, etc., Isto é, não é exclusivamente a sua forma que o configura como meme, mas sim o seu poder de replicar, de ser acessado, compartilhado por muitas pessoas, recriados, remixados, embora efêmeros mas são recriados para novos contextos.

Na próxima seção iremos discutir um breve histórico sobre a Intertextualidade e sua relação com os sentidos do Meme.

3.3 Intertextualidade

As contribuições de Vieira (2013) apresentam uma breve discussão sobre como se desenvolveu as primeiras discussões do fenômeno da Intertextualidade, para entendermos os seus sentidos e a sua percepção nos textos e produções textuais. Segundo o autor, o termo ou fenômeno Intertextualidade passa a reverberar em nosso meio social de forma pioneira a partir das indagações e apresentações da pesquisadora Kristeva (1974) que ao incumbir-se das leituras e reflexões sobre “dialogismo” que é apresentado por Bakhtin, faz uma nova releitura ao traduzi-lo para Intertexto, assim surge pela primeira vez o termo em questão.

Nas suas primeiras acepções, Vieira(2013) enfatiza que Kristeva (1974) discute a intertextualidade ao compara-lo com um “mosaico. Esta representação se refere às relações entre os textos dos quais são constituídos de “partes” que integram outros textos, mas que são agora introduzidos no novo texto e que estes elementos introduzidos não formam o sentido se postos de forma segregada, mas sim, pelo fato de dialogar entre eles. Assim os sentidos são construídos ao integrar estas vozes, há uma espécie de costura destes textos dos quais as aparições desses elementos de outros textos se fundem no novo texto do qual é formado pelo todo. Vale ressaltar que estas relações que são firmadas entre os textos, podem ser introduzidas ao texto de forma explícita ou implícita.

Apesar de ser uma expressão que tem ganhado destaque nas discussões para compreensão textual nas salas de aulas, assim como têm sido temáticas de pesquisa no campo acadêmico, torna-se de suma importância discorrer de forma breve sobre os tipos de intertextualidade que podem fazer parte de um texto. Para isso, e para uma melhor compreensão de como são formados os elos destes textos, dispomos das contribuições de autores como Genette (2010), Koch, Bentes e Cavalcante (2007), Cavalcante (2017), os quais pautam a nossa discussão, bem como nos mostram que há visões heterogêneas em certas questões referentes a entender a intertextualidade e os tipos existentes. No entanto, há entre estes estudiosos pontos de cruzamento de suas ideias e visões, ao concordarem que para o fenômeno da intertextualidade acontecer, há uma variabilidade de formas possíveis.

Com relação à Intertextualidade, Genette (2010) utiliza-se de um novo termo para representar este fenômeno, do qual o elenca como transtextualidade. Além disso, classifica em cinco tipos conforme a forma que as relações entre os textos

acontecem, assim faz a divisão que comporta/ divide-os em: Intertextualidade, Paratextualidade, Metatextualidade, Arquitextualidade e Hipertextualidade. Dito isto, o autor apresenta a Intertextualidade como “uma relação de copresença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em outro” (GENETTE, 2010, p.14). Consoante a isto, conforme o autor, vale ressaltar que estas relações entre os textos podem se constituir de três formas, assim, uma delas é a citação, que se apresenta de forma explícita dentro do texto ao apresentar os elementos ou recursos tipográficos na superfície/composição textual. É um recurso do qual o autor deixa perceptível à introdução destes elementos ao texto; outro tipo apresentado pelo autor se refere ao plágio, neste aspecto configura-se como a introdução de elementos e ideias de outrem, sem declarar as fontes de onde retirou as informações ao tentar pô-las no texto como se fosse de sua autoria, sem especificar as suas fontes. Neste ponto, há uma introdução literal de partes ou trechos de textos sem referencia-los e por último, temos a alusão, neste aspecto o autor apresenta como aquele que é introduzido ao texto, e que comporta modelos mais implícitos, pois permite ao produtor do texto remeter-se a outros textos de forma a retomar algumas ideias de outros autores, teorias, pressupostos, etc. sem necessariamente ser de forma literal, pois neste ponto há também um desenvolvimento destas reflexões pelo autor do texto.

Seguindo os constructos de Genette (2010) e as suas divisões, vale ressaltar que, embora o autor apresente esta divisão entre ambos a ponto de caracteriza-los em cinco tipos, não se pode considerá-los como fenômenos excludentes, posto que ambos possam encontrar-se no mesmo texto, havendo estas inter-relações, sobreposição entre eles. Diante disso, para discutir Paratextualidade, o referido autor enfatiza que o processo de relação neste tipo se dá com o seu paratexto, assim as suas relações se firmam neste aspecto. Para isto, Genette(2010, p.15) nos apresenta que podem ser:

Título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; release. Orelha, capa, e tantos outros sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado á erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende (GENETTE, 2010,p. 15).

Com efeito, podemos entender que para Genette (2010) a paratextualidade é um fenômeno que não se dá de forma tão explícita, isto é, o leitor ao ter acesso ao texto pode encontrar algumas dificuldades para perceber estes elementos ou fazer as ligações entre os textos, todavia as inferências e correlações são possíveis também quando o leitor retoma aos conhecimentos que já possui e que são uma ponte para identifica-los.

O outro tipo apresentado por Genette é a metatextualidade, este fator, conforme autor, fica no meio termo no que se refere a aparecer de forma explícita. Todavia não é uma aparição imperceptível, posto que se deixa perceber ao apresentar-se como uma relação que demanda uma maior criticidade. Os comentários fundem-se a uma ideia ou pontos de outros textos, mas apresentam e dão liberdade para o autor apresentar-se ao mostrar as suas percepções e posicionamento frente a determinado tema ou questão. Torna-se interessante destacar que neste tipo não é de caráter obrigatório que se utilize de citações ou qualquer menção que identifique o texto ao qual utiliza-se e está presente no texto. Além dos tipos já supracitados, tem também a arquitextualidade, que Genette define como uma “relação completamente silenciosa, que, no máximo, articula apenas uma menção paratextual, de caráter puramente taxonômico” (GENETTE, 2010, p.17).

Outro fato importante é que, conforme Genette (2010), ao definir transtextualidade relaciona-o a hipertextualidade, hipertexto, neste aspecto destaca que estas relações se dão pelos processos de derivação que ocorrem em sua composição. Em outras palavras, textos que se constroem a partir de outros textos, a sua criação é uma construção pautada em textos que já existiam ou existem, embora não deva confundi-los com a forma utilizada do comentário.

Ademais, mediante estas discussões já apresentadas dos estudos de Genette, abriu caminho a partir de suas pesquisas para que outros estudiosos intentassem efetuar novas pesquisas e estudos sobre a temática em questão, dos quais podemos destacar Piègay-Gross (2010), que adiciona novos elementos a intertextualidade, quando passa a trata-la, alargando os seus conceitos, como produto da relação entre os textos por derivação, o que, neste sentido para Genette podemos considerar como hipertextualidade. Outro ponto que o autor se utiliza para representar o fenômeno da intertextualidade no texto, é adicionar aos seus conceitos já preexistentes, a aparição destes textos e suas relações, como advindo da “relação de copresença”. Segundo o

autor, isto só acontece a partir de uso da referência, assim, este termo utilizado faz junção ao que Genette chama de paratextualidade.

Percebemos que as nomenclaturas se modificam entre Genette e Gross, mas os sentidos se mantêm numa mesma perspectiva com pontos de conexão. Consoante a isto, Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) ao tratar sobre a intertextualidade, apresenta dois fatores. Ambos constituídos pelas relações de derivação, que são: a paráfrase e o détournement, este é um elemento que introduz as relações intertextuais ao utilizar-se para isso de “um tipo de paródia”, já aquele podemos defini-lo como um processo de reescrever o texto ao retomar as ideias ou pontos de algum autor e teoria. A partir de nossas impressões, isto é, reescreve-lo sob nossa forma de compreensão, em que as ideias do autor são traduzidas sob nosso olhar e entendimento, todavia, é uma reescrita pautada ou fundamentada no que o autor ou teoria abordada diz.

Nos gêneros textuais, com destaque para nosso foco de discussão o gênero meme, que é uma de suas características a presença da intertextualidade nos textos. Um dos fatores da intertextualidade bastante presente nestes tipos de texto são aqueles advindos pela referência, neste sentido, ao utilizar-se deste fator que é introduzido ao texto de forma explícita, esta sua introdução pode se dá de diversas formas, tais como por título, autores, imagens, etc.

Diante disso, dos tipos de intertextualidade que podem estar presentes nos textos, retomamos aos memes que em sua composição, sentidos tem intertextualidade com outros textos, situações, contextos que originaram o meme, seja presente na linguagem verbal, ou na linguagem não verbal, etc. Posto que uma de suas características é a viralização de alguma situação, retirado de outro contexto, e que a partir deste vão sendo reelaborados, recriados, compartilhados novos memes, a cada ato de reelaborar são novos sentidos que os memes representam, novos enunciados, novos currículos.

4 E POR FALAR EM ENSINO REMOTO: MEMES DE UMA ESCOLA DESLOCADA

Este capítulo tem como finalidade apresentar os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, ou seja, quais os recursos utilizamos para obtermos dados, bem como a análise de dados mediante a perspectiva teórico-metodológica que estamos trabalhando ao longo deste texto. Este estudo recusa uma observação presa à sala de aula, ou a componentes curriculares impostos como norma para a formação, canonizado. Entendemos que o currículo não é estanque, está em movimento, desconstruindo e deslocando-se.

Diante das inúmeras mudanças no quadro educacional, do contexto pandêmico é produtivo pensar sobre as formas de ensino, principalmente em que os meios possíveis são os remotos, ainda que não dispense o monitoramento, é possível uma dose de recusa ao epistemicídio. Trata-se, segundo Paraskeva (2018), de ter o encontro com aquilo que vive. A escola deslocada, da qual falamos aqui faz referência a Teoria Curricular Itinerante (TCI) de Paraskeva (2018) Esta teoria possibilita a concebermos os memes como produção dos sentidos na “espontaneidade”, nos saberes do cotidiano da vida.

4.1 Processos teóricos-metodológicos da pesquisa

O percurso teórico que fazemos aqui afasta-se de modelos estruturais, canonizados, visto que o pensamento ou modelo ocidental que apagava as pluralidades desconsiderava as diferenças, e os seus conceitos universais e totalizadores já não respondiam aos anseios de uma gama da população. Conforme Santos (2007) o pensamento abissal, o qual se divide em duas linhas, a visível e a invisível. Para que a visibilidade seja possível ou validada conta-se com o apagamento de saberes, experiências, agentes que se encontra do outro lado da linha.

Sendo o genocídio linguístico uma das marcas deixadas pelo pensamento moderno ocidental através da sua condição abissal, este trabalho se distancia desse pensamento para, de outro modo, comungar com a ideia de uma teoria curricular desterritorializada, de não espaços (AUGE, 2003 APUD Paraskeva 2018), que considera o mundo da diferença, conforme Deleuze apud Paraskeva (2018) sendo,

pois, capaz de capturar situações, vivências que só são possíveis quebrando e rompendo abissalidade.

É no campo da teoria curricular pós-crítica que as teorizações a respeito da linguagem, a exemplo do movimento pós-estrutural, a compreende como um sistema de significação que desloca a suposta rigidez da significação – defendida pelo estruturalismo – para a considerar a instabilidade da linguagem. Sob essa lógica, o significado não se encontra fixo no significante (DERRIDA, 1991), uma vez que o significado está sujeito ao deslizamento.

Nesse sentido, esta pesquisa adota uma abordagem pós-estruturalista de cunho qualitativo pois compreende a relação global e local do fenômeno pesquisado considerando a importância do contexto e do objeto pesquisado. Essa abordagem demonstra ser mais apropriada para análise dos dados por permitir a descrição, compreensão e interpretação do objeto pesquisado. Neste trabalho, os memes do ensino remoto se constituem como o *corpus* da pesquisa, pois são produtores de sentidos sobre as aulas remotas no período de 2020 até 2021. do contexto pandêmico

Segundo Flick (2009, p.9), “A pesquisa qualitativa acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas”. Além disso, Paiva (2019, p.14) apresenta que “Tais formas incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interações, de documentos (textos, imagens, filmes ou músicas), etc. Esse tipo de pesquisa é também chamado de pesquisa interpretativa ou naturalística”.

Além disso, trata-se também de uma pesquisa documental, posto que compreendemos os memes como textos, enunciados que produzem sentidos, representam o contexto atual de aulas remotas e produzem significações. Discute-se o currículo como movimento que ninguém consegue dar conta, quer seja pandemia, quer seja em qualquer data, nos diz de um movimento de invenção, significação, produção de sentido.

A pesquisa qualitativa, descritiva, do qual faremos uma análise do objeto pesquisado, os memes, caracterizando e descrevendo-o, relacionando ao ensino remoto, as teorias de currículo, etc., mas também se dará como uma pesquisa de objetivo explicativo; por ser interpretativa dos fatos pesquisados auxiliando o pesquisador a identificar os fatores que contribuem para a ocorrência das mudanças percebidas com o ensino remoto, com os deslocamentos no ensino, dentre outras mudanças. Ambos objetivos são complementares e indissociáveis para uma

interpretação mais apurada do objeto pesquisado. O procedimento da pesquisa segue uma linha contínua que se estabelecem relações entre o real e o virtual, o dito e o não dito.

Além disso, recorreremos a pesquisas e discussões sobre o ensino remoto e as construções de sentidos que envolvem os sujeitos como alunos, professores /escola e toda sociedade, representados a partir dos memes, por isso, tomamos como objeto de análise os memes do ensino remoto, escolhidos por terem sido bastante difundidos nas redes sociais e por conduzirem práticas sociais acerca da vida contemporânea. Os memes serão escolhidos a partir de uma chave temática com os descritores Memes do ensino remoto e aulas remotas, coletados no Google, sendo selecionados nos sites apresentados nesta plataforma. A nossa escolha pelo google se deve por este espaço possibilitar um maior acesso das produções de memes nos períodos da pandemia, de isolamento social e que representam as aulas remotas, ensino remoto em todas as suas nuances, se optássemos por apenas um dispositivo, o número e possibilidades de memes seriam reduzidos o que resultaria em perder parte dos sentidos que revivam de aulas remotas.

Nessa perspectiva, escolhemos nos meios virtuais 05 memes, e os critérios que justificam as escolhas tem por base àquelas que se encaixam no contexto atual de aulas remotas, que apresentem os atores principais que são os alunos, professores, instituição, políticas públicas, etc., desafios, letramentos, dificuldades, dentre outros que são representados neste gênero, que tragam em suas composições questões sociais e políticas que tenham destaque no cenário atual que estamos de ensino remoto. Além disso, trata-se uma pesquisa de caráter documental, por concebermos os memes enquanto texto.

A partir dos memes são representadas as experiências nas aulas remotas, um compilado do percurso do ensino, da prática pedagógica durante a pandemia, os sentimentos, medos, dentre outras do contexto do ensino remoto, etc. Exatamente no período de 2020, quando de forma ameaçadora vivenciamos a pandemia da COVID-19 e os medos que surgiram em meio ao desconhecido, assim surgem novas práticas demandadas pelo contexto, os abraços foram trocados por cumprimentos a longa distância, os rostos descobertos ganharam novos adereços como máscaras, e as escolas “saíram” deslocaram-se de suas dependências físicas, do presencial, para o ensino remoto, as escolas invadiram os lares dos alunos, professores, que de forma síncrona ou assíncrona mediados por tecnologias, novas linguagens, letramentos, etc.

A seguir, apresentamos as reflexões e análises sobre o corpus de nossa pesquisa, dentro do contexto pandêmico dos memes do ensino remoto.

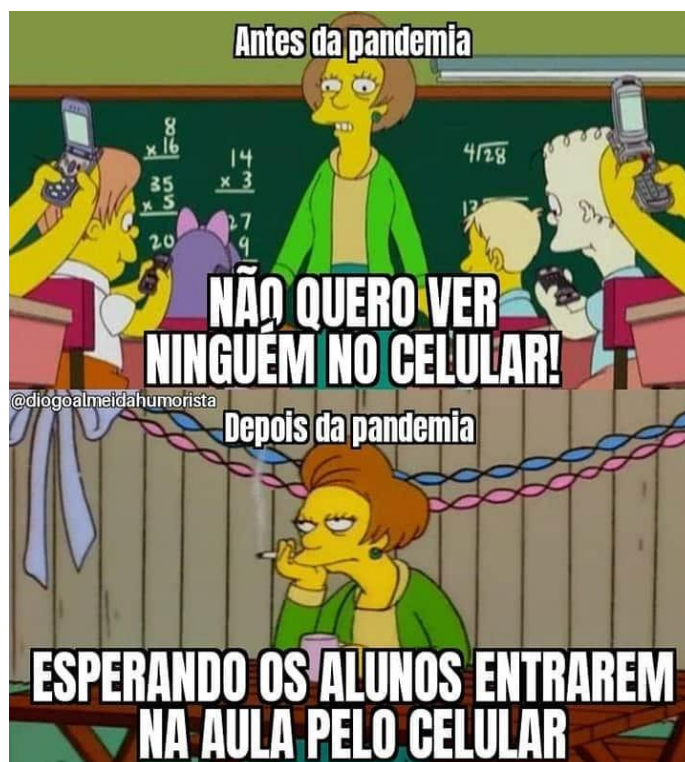
4.2 Os memes como produtores de sentido sobre o ensino em contexto remoto

A linguagem enquanto comunicação universal, está presente na vida do homem permeando sua vida social, política, pessoal, etc. desde os primórdios da humanidade. Isto se dá pelo uso de signos convencionais, por textos falados ou escritos, e que com o crescimento e avanço no âmbito digital, novas modalidades e símbolos que circulam nestes espaços, foram sendo readequados das quais também compõem a estrutura linguística/ língua nas situações comunicativas. Com o acesso, ou mesmo, o número crescente de internautas, a internet produz e faz circular o uso de vídeos, imagens, *Emojis* e memes, que trazem novas significações a nossos discursos e enunciados.

Nessa perspectiva, os memes, que tem como uma das características apresentar um tom humorístico, não se fecha neste sentido, posto que além disso, deve ser visto como artefato de multiplicidade de sentidos e significados que são criados, compartilhados, reelaborados, com uso de expressão verbal e não verbal, efeitos multimodais, bem como fatores de intertextualidade, etc. Nesse sentido, pensamos os memes como um processo de linguagem, que se apresenta como textos verbais e não verbais, em textos escritos, imagens, vídeos, etc. e que circulam nas redes sociais, em vários websites, Facebook, Instagram, Twitter, ou outros aplicativos, trazendo desde o tom de ironia, humorísticos, temas a serem problematizados política e socialmente.

Os memes também recodificam mensagens, ao uso de imagens, sons, fotos, etc., de outras situações ou que se propuseram a outras discussões e são trazidas, agora com novas formatações de discursos com algum propósito comunicativo. Assim, nos propusemos a analisar, refletir sobre os memes do ensino remoto que viralizaram nas redes sociais, web sites, etc. Diante disso, é válido refletirmos que a produção dos memes e seu processo de compartilhamento, viralização entre os internautas, não se dá aleatoriamente, mas, surgem como necessidade ou resposta a contextos, problemáticas, relações, etc, como neste caso, o ensino remoto, não sendo um evento isolado, mas experienciado pelo e no coletivo.

Figura 2 – Meme 1



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/ProfessoresDoEstadoDeSaoPaulo/photos/a-vida-da-voltas-beb%C3%AA-n%C3%A3o-t%C3%A1-f%C3%A1cil-pra-ningu%C3%A9m-rs/2660158860751134/>

O meme, colhido do Facebook do “Professores do Estado de São Paulo” apresenta dois contextos do ensino, com ênfase na atuação e metodologias, desafios, currículos, as formas das quais se utiliza o docente na condição de mediador do conhecimento. Diante disso, percebemos duas representações de docência, assim como de currículo, e isto perpassa a uma pergunta que outrora já vem sendo feita desde 1859 por Spencer e que condiz aos nossos dias atuais, sobre quais conhecimentos são válidos, quais são aqueles que advêm das relações de poder (Foucault), que tem sido monopolizados pelas escolas em detrimentos de outros que já constituem as práticas sociais, cotidiano dos alunos. No entanto, ainda são refutados pela escola, há exceções, numa visão tradicional sob uso de meios didáticos, metodológicos que não contemplam um ensino efetivo da linguagem e comunicação da língua.

Textos, produções e linguagens do meio midiático, nesse primeiro contexto, parecem não ser considerados e isto implica uma “gama de outros saberes” (PARASKEVA, 2008 APUD PARASKEVA, 2018) que ficam a margem, do outro lado da linha, invisibilizados. Vale ressaltar que o meme supracitado traz uma

intertextualidade com o desenho “Os Simpsons” que dentre as suas personagens tem a professora fictícia Edna Krabappel que atua na docência e que nesse contexto representa a sala de aula antes da pandemia e durante a pandemia. Antes da pandemia, percebemos um ensino que apenas viabiliza como relevante, as práticas didáticas de sala de aula física, sem uso de instrumentos digitais como os aparelhos celulares.

No primeiro momento, o celular se põe dentro deste contexto como uma “ameaça” ao bom andamento do ensino, da aprendizagem. Nessa lógica, o currículo é significado como estanque, fixo, que não contempla as mudanças, os contextos, as outras formas e construções que se dão além das paredes de uma sala. Há uma recusa ao uso de textos, linguagens que apresentem textos multimodais, imagens, vídeos, efeitos e, portanto, uma variabilidade de sentidos que emergem das redes, do ciberespaço. Dispensa, o que entendemos por currículo enquanto movimento, que se produz no dia a dia, nas experiências, trocas, e da imprevisibilidade, a exemplo do ensino remoto que se mostra como um campo de possibilidades e de letramentos.

Retomamos as discussões sobre a geometrização dos saberes (VEIGA-NETO, 2002), para falar do segundo momento do meme e dizer que são novos espaços que surgem, que se reconfiguram, sempre em constante modificação, que já não se prendem a um espaço físico, constituído, localizado por um endereço fixo.

Não se pode ignorar, ainda que se queira, que no século XXI nossos estudantes estão vez mais conectados em redes. Isto possibilita que estejam engajados em novas interações nestes espaços que se dão nas mais diversas formas, por exemplo nos espaços virtuais, tais como Instagram, Facebook, YouTube, podcasts, dentre outros que produzem e circulam novas situações de comunicação de uso efetivo da língua. Trata-se de navegar em redes, em alcançar lugares inimagináveis em tempo real, abrangendo e quebrando os limites geográficos na produção de saberes. O que se tem na contemporaneidade são espaços para novas culturas que já constituem a vivência dos alunos; a cibercultura, sites, suportes midiáticos que por certo tempo foram excluídos ou minimizados dentro do planejamento do ensino.

O meme em tela traz duas realidades distintas no que toca a escola, à sala de aula, à docência. Primeiro, traz o contexto da escola com o ensino presencial e a representação de uma docente em frente a lousa. Inspirados por Paraskeva (2009) podemos dizer que nos fala sobre uma “ecologia de saberes”, de outras formas de

comunicação, significação, enunciação, de relações e multimodalidade dos textos, os quais são dos ambientes digitais.

Neste sentido, a recusa das TDIC nas escolas por parte de alguns professores, podem advir de vários fatores, dentre os quais Santos et al (2009) destaca como um dos empecilhos, dificuldades que são os próprios fatores da escola que muitas vezes não detém as mínimas condições para dar o suporte ao professor e alunos, especificamente recursos escassos da instituição e de políticas públicas. Outro ponto abordado são os próprios docentes que, dentre alguns por receios ou ausência de domínio, dos letramentos digitais e das tecnologias, criavam barreiras para a imersão das tecnologias na sala de aula, ou por acreditar que os meios convencionais eram suficientes para o propósito de suas aulas, dentre outros. Assim, logo a primeira situação perpassa aquilo que outrora era comum no que toca ao ensino, por alguns docentes.

Todavia, no segundo momento do meme, surge a representação do ensino remoto, que os aparelhos tecnológicos como os celulares, aparelhos móveis tão “questionados” por alguns para não serem utilizados em sala de aula, são agora parte fundamental. São as portas para acesso as redes de comunicação, de trocas, de produzir significações, de ensino. O que outrora era proibido para alguns (aparelhos celulares) quando se referia a ensino, a imprevisibilidade do ensino remoto mudou conceitos, produziu outros sentidos. Neste sentido, Medeiros (2019) afirma que:

Atualmente, não discutimos mais se as escolas devem ou não utilizar esses recursos como ferramenta educacional, pois, como sabemos essa já é uma realidade atual. O que precisa ser discutido e refletido são como essas tecnologias deverão ser utilizadas de forma benéfica e eficiente, porquanto que elas auxiliam no processo de ensino, mas, as escolas, os professores e os alunos serão sempre os protagonistas que determinarão o sucesso deste projeto.” (MEDEIROS, 2019, p. 53).

Refletindo sobre meme como escola localizada e ao mesmo tempo deslocada, os sujeitos que a compõem – alunos, professores, dentre outros – e que são os que protagonizam esse momento, assinala o que Medeiros (2019) aponta como protagonismo. E, reverbera a importância do docente na mediação do conhecimento, o que reitera que o currículo não é em si as tecnologias. O currículo é esse fazer nos múltiplos espaços que nos quais os próprios sentidos que hoje tem valor de verdade,

podem ser reelaborados para novos contextos, novas demandas. Currículo pode ser lido no citado meme como desconstrução, reelaboração.

Vale dizer que se outrora os aparelhos eram vistos como “problema” pra alguns docentes, na pandemia, com o ensino remoto, a professora espera que agora os estudantes acessem a sala de aula. As portas de entrada na aula mudaram, são novas relações que se formam neste ambiente. Assim, as concepções do que é escola, de monopolizar um território espacial como único instituinte de sentido, de conhecimento, quebra-se. Estas quebras de paradigmas, de tentativas infundáveis de ver o currículo como fixo, estanque, e que não respondem a multiplicidade e multiculturalismo de nosso povo, de suas experiências, etc., agora nos diz de um currículo instituinte e instituído pelo ensino remoto.

O ensino remoto é uma das respostas ao que Foucault chama de “Biopolítica”, pois todas as relações condizem ao direito de vida, implicando em uma escola que se desloca em favor da vida de todos os envolvidos no processo educacional. Trata-se de uma biopolítica que se produz ladeada pelos medos, desafios e letalidade de um vírus. Assim, o meme nos diz da educação, do ensino, do currículo e das políticas da vida, pela sobrevivência da espécie, pelos direitos mínimos a vida.

É certo que o cenário do ensino remoto é bastante desafiador, pois o contexto em que ele se dá envolveu também as questões emocionais de todos os envolvidos. No entanto também é um cenário de novas possibilidades, novas construções curriculares, de se repensar e questionar como tem sido desenvolvido o ensino nas escolas e universidades, e de como integrar saberes advindos de outros lugares. Assim, mediante as mudanças que temos experienciado, retomamos ao questionamento de Antunes (2001) em que:

“se uma escola não serve para ensinar a dialogar, negociar, a converter problemas em oportunidades, a aprimorar no aluno a defesa de seus interesses a lucidez de seus argumentos, a lidar com signos, dados e códigos na expressão de suas relações, para que serve a escola?”.

Nesta perspectiva, e no mesmo pensamento da autora, com relação ao ensino, Kenski (2012, p. 52) afirma que “é preciso que ele [o professor] possa estar preparado para interagir e dialogar, junto com seus alunos, com outras realidades, fora do mundo da escola”. Assim, o contexto de ensino remoto permite aos alunos o diálogo com

outras produções, outros textos, novas relações que se constroem neste ambiente, novos enunciados, novas formas de entender a educação.

Figura 3 – Meme 2



Fonte: <https://nastramasdeclio.com.br/historia/como-fica-a-educacao-em-tempos-de-pandemia/>

Neste meme, temos a intertextualidade com a personagem, pessoa, médico Doutor Draúzio Varella que é um médico bem conceituado e bastante renomado por estar sempre participando nas mídias sociais. Comumente vemos a sua participação em sites, programas televisivos, propagandas, etc. Em suas aparições ele dá dicas, orientações referentes a medicamentos, saúde, e outros temas, etc. Neste exemplo, o meme se utiliza da imagem e da frase “saudades” de Draúzio para construir alguns questionamentos sobre o que é ser professor? e sobre “ser” no contexto de ensino remoto.

Inspirados em Veiga-Neto (2002) pensamos que o contexto de ensino remoto nos diz sobre novas formas de se entender o fazer pedagógico, experienciando uma "ruptura radical nas formas de significar, representar e usar o espaço e o tempo". (Veiga-Neto, 2002, p.167). Então, dentro dessas novas formas que provocaram uma ruptura com as formas de se entender as atribuições sobre o que é a docência, questionamos sobre até que ponto o ato de mediar de um professor é desmantelado ao sair de um espaço delimitado, um presencial que reúne pessoas em um mesmo lugar físico e fixo para se manter reunido, interligado, conectado a partir de links da internet.

Nesse contexto, a escola deslocada é aquela que se constitui no ciberespaço, e ao mesmo tempo ela quebra os limites, ultrapassa fronteiras, produzindo currículo como espaço-tempo de fronteira cultural (MACEDO, 2006), ao entrar dentro de nossas casas, nos nossos espaços privados ao utilizarmos os nossos computadores, aparelhos celulares, etc. Vale ressaltar que esse currículo é um campo fértil para novas abordagens, novas aprendizagens quando traz à baila novos espaços, novas produções, multiletramentos. O mesmo autor afirma que a escola deslocada veio para abrigar a novidade, atuar nestes múltiplos espaços, usar uma maior diversidade de textos, culturas, etc. tem sido uma das grandes possibilidades deste cenário.

O intervalo do hífen que marca a passagem espaço-tempo de fronteira (MACEDO, 2006) traz consigo o termo *saudade* de ser professora. Essa passagem do presente-ausente, espaço físico-espaço-virtual, se encontram em um aqui e ali, nem aqui nem ali. Ao mesmo tempo, chama à cena aquilo que estaria por vir, a saber a cultura digital contemplada na BNCC e posta como imprescindível para pensar o ensino, educação integrada à cibercultura, ao ciberespaço e a infinitabilidade de gêneros, produções, sentidos que são construídos, compartilhados e reelaborados no digital.

A relação construída no meme sobre ser professora não adiciona mais fatores ao compromisso de sua profissão, de estar na docência, mas retira-o da docência a ponto de gerar inferências, cuja tendência caminha ao encontro de um currículo que coloca a escola “física” e suas dependências como centro do conhecimento e inviabiliza outros espaços e saberes. O que inquieta é, saber até que pontos novos espaços são aceitos, pois o chão, o prédio escolar, ainda operam relações incomparável e indescritíveis. Afinal, é a própria espacialização dos saberes que vai buscar o desconhecido e “enquadra-lo nesse retículo disciplinar em que se constitui o currículo, de modo que nada possa se colocar fora do seu alcance ou do seu domínio” (Veiga-Neto, 2002, p. 165). Todavia, as mudanças, deslocamentos pedem “novas demandas” e “ressignificações de espaço e tempo” (Veiga-Neto, 2002, p.167).

O contexto de ensino remoto eclode do desconhecido, imprevisível, sem tempo para o não querer. Então, os professores, passam por um processo dos quais envolve: “reestruturar seus processos de ensino-aprendizagem às novas configurações que se apresentam no mundo contemporâneo e globalizado e [...] tomar para si a tarefa de trabalhar com esses novos modos de ver/sentir/agir e de significar o mundo e a

realidade social” (ROJO, 1998, p. 46). Assim, o contexto atual imbricou novas formas de se pensar e fazer educação.

Figura 4 – Meme 3



Fonte: https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fgerarmemes.s3.us-east-2.amazonaws.com%2Fmemes%2Fthumb%2F06400223.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.gerarmemes.com.br%2Fmemes-galeria%2F312-grumpy-cat%2F12&tbnid=RpyrzrLvErXMAM&vet=12ahUKEwi_8rnV3tzzAhXGuZUCHfypAGwQMyhWegUIARCEAQ..i&docid=SnQo1jEqCSNbgM&w=200&h=200&q=memes%20aulas%20remotas%20alunos&hl=pt-BR&ved=2ahUKEwi_8rnV3tzzAhXGuZUCHfypAGwQMyhWegUIARCEAQ

Dentre os muitos desafios enfrentados durante a pandemia da COVID-19 uma das dificuldades vivenciadas se referem ao acesso ao ensino remoto, posto que os alunos necessitavam ter acesso à internet, e que comportasse mantê-los conectados em rede. Requeria também o uso de aparelhos tecnológicos, imprescindíveis para se manter na nova sala de aula, agora mediada pelas plataformas digitais. Se por um lado o deslocamento do fixo para o ciberespaço permite adentrar em um universo de possibilidades, textos, linguagens do mundo contemporâneo; por outro lado, reverbera os problemas e questões sociais de um país que apesar de possuir muitas riquezas os seus bens ficam nas mãos de poucos, e grande parcela da população vivem em condições de extrema pobreza. Estes desafios foram vivenciados nas escolas públicas em que uma parcela dos seus estudantes não participou das aulas remotas.

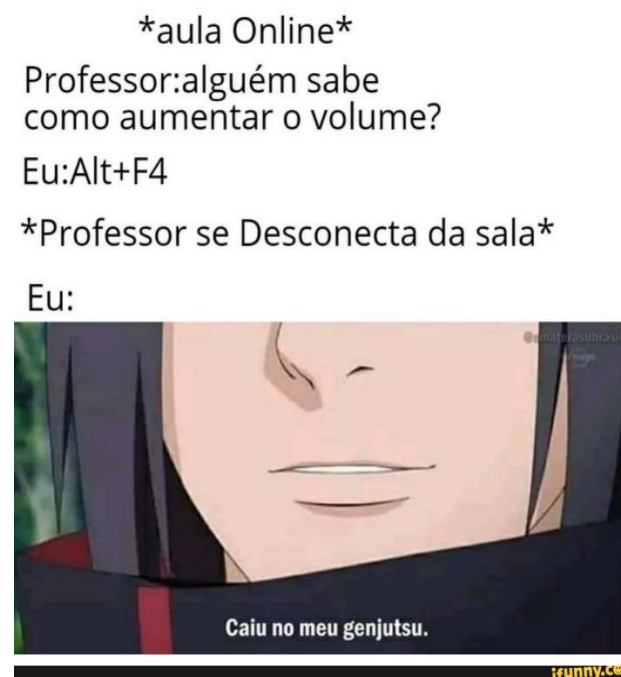
O que queremos de antemão não é subjugar nem ignorar estas informações que permearam um dos desafios deste novo modelo de ensino. Diante destas considerações, retomamos as construções apresentadas no meme com relação ao uso dos aparelhos móveis, celulares que são bastante utilizados por grande parcela da população, embora que as suas funções, *a priori*, fossem para ligações telefônicas, envio de SMS, hoje os celulares são um dos meios mais utilizados de acesso à internet, ao ciberespaço, à cibercultura. Os espaços virtuais, conforme Lévy (1999) passam a ser acessados a partir destes aparelhos. No tocante a isso, o meme apresenta também dois contextos diferenciados, um no qual representa o contexto dos alunos na escola antes da pandemia e outro no contexto das aulas remotas durante a pandemia.

A crítica apresentada ou reflexão construída mostra um percentual muito considerável de que 90% dos alunos tinham celulares, esta primeira informação nos inquieta ao ponto de pensar que antes deste contexto não se configuravam de forma relevante ou contributivo ao contexto do ensino, ou as práticas metodológicas do professor no desenvolvimento do ensino-aprendizagem na escola. Esta nossa observação advém da própria construção do meme, embora a sua crítica *a priori* seja para trazer à tona a ideia de que antes “quando não se precisava deles na escola” ou quando não se solicitavam o seu uso dentro da sala de aula, havia uma grande parcela que tinha acesso. Agora, quando aparelhos celulares passam a ser relevantes e, portanto, “cobrados” como uma das portas de acesso para as aulas, a quantidade de pessoas que o possuem diminuiu consideravelmente. O tom crítico e irônico no meme fica perceptível pela imagem, pois as expressões, os olhos representados pela figura do gatinho repassam um tom de deboche.

Quando a referência é o ensino remoto, vale dizer que vemos uma grande queda no percentual com relação a possuir os aparelhos para apenas 10% dos estudantes. Os sentidos construídos não levam em consideração os problemas sociais, econômicos e culturais que envolvem todo o contexto de pandemia, os desempregos que aumentam, famílias que perderam seus entes queridos, um aparelho como instrumento de trabalho do país, etc. Contrariamente, todos estes demais fatores são ignorados, e se constrói a ideia de que a maior parte dos alunos têm condições de estarem conectados em rede para receber e viver o contexto de ensino remoto. Vale ressaltar que foram criadas dentro das políticas públicas do governo e das próprias escolas e universidades, em algumas delas, planos e

programas para inclusão digital destes estudantes, todavia não foram suficientes para integrar todos.

Figura 5 – Meme 4



Fonte:<https://br.ifunny.co/picture/aula-online-professor-alguem-sabe-como-aumentar-o-volume-professor-bgaml9sV7>

Ainda que por questões sociais, significativa parcela dos alunos tenham dificuldade de acesso à internet, a cultura digital faz cada vez mais parte do cotidiano dos estudantes, de suas práticas sociais, quer seja para se comunicarem a partir de redes sociais, fazer post, compartilhar e dar likes, quer seja para construir novas relações, acessar conteúdos multimídias, ganhar seguidores, entretenimento, dentre outros. Portanto, o ciberespaço já se constitui como integrante do contexto dos estudantes. Não obstante, ainda reverberava modelos do ensino presencial praticas pedagógicas tradicionais que recusa recursos tecnológicos. Isto tem resultado na falta de preparação dos professores para a cultura digital. No entanto, o inesperado chega, interfere, muda planos, reestrutura currículos e desmantela a resistência ou ausência de utilização dos meios digitais na escola, já não há mais “escolhas” quando a utilização dos novos meios didático-pedagógicos. Sem mandar avisos ou sem um tempo delimitado que fosse suficiente para uma preparação efetiva para o ensino remoto, o professor necessitou se ressignificar, aprender novas metodologias para atuação em sala de aula online.

O meme em discussão traz a imagem de um desenho animado: “Naruto”, com ênfase no personagem SasukeUchiha. Temos, pois, a representação de um diálogo entre professor e aluno durante uma aula online, a qual se configura com novas formas de aparição, mediação, construção de sujeitos, etc. A construção deste dialogo nos mostra duas figuras, sendo de um lado, um professor que não tem as habilidades, letramentos para o uso das tecnologias, e por isso pede aos alunos para pedir ajuda a aumentar o volume. Do outro lado, aparece os alunos e um deles com o domínio do uso da tecnologia, suspendendo, de uma certa forma, a autoridade do professor em termos de conhecimento. Ocorre aí uma mudança de papéis, o que configura com isto que uma parte os alunos têm mais ciência, domínio e habilidades em certas áreas que os próprios docentes.

A ausência de letramentos por parte, do professor fez com que o docente se tornasse alvo frágil a ponto de ser enganado pelo estudante ao ensinar-lhe dar um comando diferente do que foi pedido, o que resultou na retirada do professor da rede naquele momento. Esta discussão que apresenta jovens, estudantes na contemporaneidade retoma as discussões de Prensky (2001) *apud* Pescador (2010) que cunha dois termos, “nativos digitais” e “imigrantes digitais”, que podem ser considerados dentro do modelo de ensino remoto. Para os jovens, estudantes, o autor atribui o nome de nativos digitais pois suas práticas, experiências, o seu cotidiano é permeado pelo uso e acesso as redes. Nesse caso em tela, o aluno era um nativo digital pois dominava mais habilidades no tocante aos letramentos digitais. Já o professor se tornou refém das brincadeiras do aluno, já que não dominava o ambiente digital.

Prensky (2001) *apud* Pescador (2010), cunha o termo “imigrantes digitais” “novos métodos, metodologias de ensino”, planejamentos que estão aprendendo, letrando-se. Imigra, ou seja, entra um contexto, lugar que não é de sua origem, ciberespaço, cibercultura e ensino remoto, mas que vai aprendendo um pouco cada dia mais. Temos aqui o currículo como imprevisibilidade. E, na sua imprevisibilidade; a itinerância é construída através de redes virtuais. Não ter o domínio das redes digitais para operar o currículo borrou a fronteira, em outras palavras, o espaço-tempo que separava professor-aluno. e por conseguinte, o que há muito se entende por docência. Para Tomé (2020, p. 59), “esse espaço das mídias sociais não é algo fixo, e desloca qualquer entendimento do que seja (...) a formação, à docência, os saberes.” É justamente neste deslocar do presencial (como lugar(fixo) ao virtual (como

lugar deslocado) que currículos são inventados, novos saberes são construídos, novas significações e sentidos se fazem, novas realidades surgem, novas relações são construídas entre docente e discente, o que borra o binômio ensino-aprendizagem.

Figura 6 – Meme 5



Fonte: <https://www.facebook.com/GeolanTI/photos/qual-professor-voc%C3%AA-%C3%A9-os-desafios-das-aulas-on-line-fizeram-voc%C3%AA-evoluir-com-as-/4153753947979771/>

Este meme utiliza-se das imagens do cachorro Balltze, que é um meme muito compartilhado, viralizou e já foi reelaborado para muitos novos contextos, como é o caso atual para representar a docência, o professor e sua atuação em sala de aula. Nesse caso, faz um comparativo entre o ensino presencial e as aulas remotas. Por ser o ensino remoto uma das medidas sancionadas por decreto junto ao MEC, devido a necessidade de isolamento social, apresenta-se como uma política da vida, ou seja, uma biopolítica. Para enfrentar o desconhecido em meio ao caos que se formava em todos os setores, devido a alto contágio do vírus, viu-se nos ambientes virtuais umas das soluções possíveis para que retornassem as aulas mediadas pelo uso de plataformas.

Nessa perspectiva, temos dois anos referenciados pelo meme. No ano de 2019 ainda vivenciávamos o ensino presencial, salas de aulas superlotadas, etc. Neste contexto, temos o docente que se utiliza do aparato digital projetor multimídia para utilizar algumas mídias em suas aulas, como por exemplos os slides. No entanto, apesar de utilizar-se do equipamento, o professor muitas vezes, como no meme representado, não sabia como utilizar e pedia a ajuda dos alunos, uma ausência de

letramentos com relação aos meios digitais. Então, se por um lado temos neste período um professor que não usa muitas “novidades tecnológicas” e que tem dificuldades em utilizar o projetor; Por outro lado, o contexto pandêmico da COVID-19, emerge o ensino remoto em 2021 e com ele a necessidade do professor utilizar uma grande gama de textos, ferramentas do ambiente digital. Agora os enunciados mudam a relação, pois o professor comunica aos alunos a variedade de gêneros, que estão sendo disponibilizados para aquela aula, atividades que envolvem os meios tecnológicos a exemplo da plataforma digital “zoom” que tem sido muito utilizada por escolas e por universidades para as aulas síncronas.

É notório que no período das aulas remotas, o docente adquiriu multiletramentos ao desenvolver habilidades digitais para utilizar as linguagens, para desenvolver atividades através das plataformas, internet, etc. Seguindo esta lógica Inês de Oliveira (2016) enfatiza que:

(...) criam currículos únicos, inéditos, “irrepetíveis”, alternativas aos problemas e dificuldades que enfrentam, ao que não lhes agrada ou contempla, ao já existente e ao já sabido, contrariamente ao que supõem as perspectivas hegemônicas de compreensão dos currículos escolares, que os compreendem como um eterno reproduzir daquilo que foi previsto e prescrito (OLIVEIRA, 2016, p.98).

Diante de um contexto atípico que ocasionou mudanças na rotina da escola, e na atuação dos professores, os deslocamentos foram inevitáveis, novas práticas de significação sobre como ensinar se fizeram notórias. A exemplo disso, a imagem do docente de 2019 representada pelo cachorro em tamanho menor em relação ao tamanho do cachorro da imagem de 2021, traz expressões de submissão, ainda que esteja diante de um público jovem que domina as tecnologias. É como se o professor tivesse se apoderado do que até então não era incompatível em um comparativo com os jovens da geração digital. É no contexto de aulas remotas que o professor é apresentado por uma imagem de um cão maior, mais forte, cuja expressão de superioridade parece dominar o que até então era desconhecido. A lógica do espaçamento entre forte-fraco traz à tona as relações de poder em torno do saber.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as discussões tecidas durante a pesquisa, podemos dizer que no contexto de ensino remoto eclode a construção de uma escola deslocada ao mostrar seus sentidos produzidos e enfatizados por meio dos memes e que fala de um currículo enquanto instituinte de sentidos. Há uma representação desta nova forma de “escola”, que se desloca para o virtual, pois assim como o currículo, não é estanque, movimenta-se e, pôr está nesta posição, ressignifica suas relações, suas metodologias, seus dizeres diante os cenários e contextos imprevisíveis.

Os resultados da pesquisa nos mostram que os memes produzem sentidos sobre o ensino remoto, construídos nos seus textos verbo-imagéticos, nos mais diversos espaços, mediados pelo uso das Tecnologias da Informação, multiletramentos, novas práticas metodológicas e didáticas de pensar o ensino e aprendizagem. São nestas relações advindas do contexto pandêmico que produz um dispositivo biopolítico que os modos de viver e ser foram reestruturados, ganharam novos significados, que se produzem também sujeitos. Os memes são construídos e reconstruídos, neste processo de continuo aparecimento e reconstrução, ou desconstrução, pelo coletivo e no coletivo

Vale ressaltar que esta pesquisa não fecha sentidos, do contrário, abre para novas pesquisas, novas análises, até mesmo sob outros vieses teóricos. Ademais, essa forma de ensino, foge da “sala de aula tradicional”, ao considerar textos, discursos, trocas que não se atém ao programado, idealizado, mas, constroem esses sujeitos. Entretanto, esses saberes não apagam a importância dos demais, nossa intenção foi entender como o processo de ensino se dá neste contexto, mostrar que sua abrangência se dá além do imposto, inclui lugares apagados, como as mídias sociais. Como gênero textual trabalhado no ensino, os memes são produtores de sentidos e significados culturais, ainda que olhados por alguns com certo preconceito, permitem a significação e ressignificação de vivências escapando do currículo normativo, embora que nele esteja implicado.

Nos espaços cibernéticos, de muitos compartilhamentos e que alcança um grande público pela sua característica de viralização, os memes se constroem com sentidos e significados que apresentam as dificuldades, desafios, novidades, humor e também críticas sociais e políticas a configuração deste ensino, que também não contempla a todos, e escancara ainda mais as desigualdades sociais no cenário do

país que com a pandemia ficou ainda mais perceptível, todavia, também proporcionou a pessoas de lugares distantes, ou de poucas condições socioeconômicas para se locomoverem até lugares distantes, poderem está participando destes cursos, aulas, etc. através do ensino remoto, pelas plataformas digitais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lucy Helena Fernandes. É possível aprender inglês na escola pública: Uma experiência sobre o ensino de língua estrangeira e a cultura digital. (2014). **Monografia** (Especialização) - Guarabira, 2014.

LEMOS, André. CIBERCULTURA: Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**; 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; FARIA, Maria da Graça dos Santos; CARVALHO, Ana Paula Lima de. Sobre intertextualidades estritas e amplas. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 7-22, jul./dez. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DANTAS, Rubens Oliveira. Práticas de letramentos com memes: Uma proposta para aulas de língua inglesa no ensino médio (2021). 135 p. **Dissertação** (Mestrado em ensino) - Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, (2021). Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/posensino-dissertacoes-2019/arquivos/6246dissertacao_rubens_oliveira_dantas.pdf. Acesso em: 28 out. 2021

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1976. (Tradução de Rejane Rubino)

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. São Paulo: Papyrus, 1991.

FLICK, Uwe. Métodos de Pesquisa: introdução à pesquisa qualitativa. Cap. 17: Observação etnográfica; Cap. 18: Dados visuais: fotografia, filme e vídeo; cp. 19: Utilização de documentos como dados. Rio de Janeiro: Artmed-Bookman, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1975.

FOUCAULT, Michel. **Genealogia e Poder**. In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Soberania e Disciplina**. In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FONSECA, Ricardo Marcelo. O poder entre o direito e a “norma”: Foucault e Deleuze na Teoria do Estado. In: FONSECA, Ricardo Marcelo (Org.). **Repensando a teoria do Estado**. Belo Horizonte: Forum, 2004.

FRANK, Dorotea et al. **Multiletramentos na pandemia: aprendizagens no, para a, além da escola**. São Leopoldo, Casa Leiria, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Rio de Janeiro: Vozes, (2010)

VIEIRA, Ilma Socorro Gonçalves. Relações intertextuais na obra de Ana Maria Machado: ficção e história, teoria e criação literária.

GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

HARASIM, Linda et al. **Redes de aprendizagem: Um guia para ensino e aprendizagem online**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

KENSKI, Vani Moraes. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KOCH, Ingedore G. Villaça, BENTES, Christina e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo, Cortez, 2007.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n. 11, p. 285-296, 2006.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais: linguagem, ambientes, redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MASSETTO, Marcos T. **Didática: a aula como centro**. São Paulo: FTD, 1997.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOHMANN, Renata. Manda Memes: Dinâmicas e trajetórias de imagens. (2019) **Tese de doutorado**. 144 p. Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre- RS. Disponível em : <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/194866/001094722.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 out.2021

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias do currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, Alice Casimiro. **Políticas de integração curricular**. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educação e Sociedade**. Campinas, v.27, n94, p.47-69, jan./abr. 2006.

MEDEIROS, Sanzio Mike Cortez de. **Práticas pedagógicas mediadas pelas tecnologias digitais e os multiletramentos: Uma análise sobre o ensino de língua inglesa na educação básica. Dissertação de Mestrado em Ensino**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - Campus Avançado Profa. Maria Elisa de A. Maia (CAMEAM), 2019.

PACHECO, J. A. **Currículo: Teoria e práxis**. Porto: Porto Editora, 2001.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. 1º Ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PARASKEVA, João. Teoria Curricular Itinerante: desafiando a involução curricular. In: TOMÉ, Cláudia e MACEDO, Elizabeth. **Currículo e diferença: afetações em movimento**. Curitiba. CRV. 2018.

PESCADOR, Cristina M. Tecnologias digitais e ações de aprendizagem dos nativos digitais. **II Congresso Internacional de filosofia e educação**. Caxias do Sul_RS, Brasil, maio, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/claude/AppData/Local/Temp/TECNOLOGIAS%20DIGITAIS%20E%20A%20COES%20DE%20APRENDIZAGEM%20DOS%20NATIVOS%20DIGITAIS.pdf>

PIÉGAY-GROS, N. Tipologia da intertextualidade. **Intersecções – Revista sobre práticas discursivas e textuais**, ano 3, n 1, São Paulo, 2010, p. 220-244.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos: Escola e Inclusão Social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSA, Gabriel Artur Marra e.; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **O Facebook e as nossas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013.

SANTAELLA, L. (2013). **Gêneros discursivos híbridos na rede na era da hipermídia**. *Bakhtiniana*. 9(2): 206-16, São Paulo, ago./dez.

SANTOS, Áurea Maria Brandão et al. Conexões entre letramento e literatura digital. In: Linguagem em foco. **Revista do programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada UECE**. Ceará: v. p. 117-129, 2017.

SILVA, M. da G. M.; ALMEIDA, F. J. Educação infantil: a cidade, o currículo, a cultura digital. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. 2, p. 589–603, 2016. DOI: 10.21723/RIAAE.v. 11.N.2.p589. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8608>. Acesso em: 10out. 2021.

SILVA, Ananias Agostinho da. Memes virtuais: gênero do discurso, dialogismo, polifonia e heterogeneidade enunciativa. **Revista Travessias** v. 10, n.3, p. 341-361, 2016. Disponível em: <http://www.revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/15111/10559>. Acesso em 25 out. 2021.

SOUZA, Roberto de Joami; PATARO, P. R. M. **Vontade de saber Matemática**. São Paulo: FTD, 2009.

SOUZA, W.L. Ensaio sobre a Noção de Poder em Michel Foucault. **Múltiplas Leituras**, v. 4, n. 2, p. 103-124, 31 dez. 2011. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/1982-8993/ml.v4n2p103-124>.

TEMOTEO, Sueli S.G. A constituição de Letramentos, durante a pandemia. Desafios para Professores e Alunos. In: FRANK, Dorotea et al. **Multiletramentos na pandemia: aprendizagens no, para a, além da escola**. São Leopoldo, Casa Leiria, 2021.

TOMÉ, Claudia. Estágio curricular no curso de Pedagogia/PARFOR: formação e docência sob rasura. In: SILVA, Francisco Canindé da; COSTA, Maria Auxiliadora Alves. (Org.). **redes de experiências educativas no PARFOR-UERN: estágio supervisionado e coordenação pedagógica**. 1ed.Mossoró: EDUERN, 2019, v., (E-book).

TOMÉ, Claudia; MACEDO, Elizabeth. Assinar a inclusão, subsidiar o ensino: das políticas afirmativas no âmbito da SECADI. In: Alice Casimiro Lopes; Anna A. R. Martins de Oliveira; Gustavo Gilson Souza de Oliveira. (Org.). **A teoria do discurso na pesquisa em educação**. 1ed.Recife: UFPE, 2018.

VEEN, Wim; WRAKING, Ben. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Tradução de Vinicius Figueira).

VEIGA-NETO, Alfredo. De Geometrias, Currículo e Diferenças.**Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 79, p. 163-186, 2002.

VIEIRA, Ilma Socorro Gonçalves. **Relações intertextuais na obra de Ana Maria Machado**: ficção e história, teoria e criação literária. 2013. 197 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

VIEIRA, Josênia Antunes; ROCHA, Harrison da; MAROUN, Cristiane; FERRAZ, Janaína de Aquino. **Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal**. Petrópolis: Vozes, 2007.